

Stadium

N.º 403 ★ 23 de Agosto de 1950 ★ 2\$50



OS AMERICANOS EM LISBOA

No torneio luso-americano a prova de 400 metros-barreiras foi ganha por Greaves, que corre na tercelra pista, seguido por Jacobs, primeiro plano e Matos Fernandes na quarta pista

ESTADO DE DÚVIDA

E STAMOS a uma migalha de abertura da época de futebol, e geralmente este período é aproveitado pelos mestres ou por aqueles que assim se julgam, não se mirando no espelho, para darem conselhos aos jogadores, embora não esteja ainda provado que os jogadores os tenham perdido. Na verdade, quando se aconselha alguém sobre alguma coisa, sem se ser solicitado, corre-se o risco de uma reacção azeda, levando as pessoas a procederem de modo inverso àquele que se desejaria.

Também tivemos pela nossa parte a intenção de dar meia dúzia de conselhos aos jogadores de futebol. Seria uma forma como outra qualquer de demonstrar duas coisas: que tínhamos conhecimento mais ou menos de todos os conselhos que através dos tempos técnicos e conselheiros avisados têm formulado, e que nos considerávamos com autoridade suficiente para sermos ouvidos, respeitados e acatados.

Como duvidássemos seriamente desta segunda parte, resolvemos pôr de lado a nossa bem intencionada resolução e guardar a viola no saco. Bem sabemos que, se levássemos o propósito por diante — dele não viria mal ao Mundo. Os jogadores são pessoas crescidas, e só fazem aquilo que entendem.

Poderá certamente dar-se algumas indicações principalmente aos elementos novos, ou aos que mudaram de trajo e de clube, para melhor adaptação e para que eles, assim, mais rapidamente, se revelem em toda a plenitude dos seus recursos e contribuam para a harmonia do grupo. A adaptação destes elementos depende em grande parte das camadas clubistas, ainda do treinador e dos companheiros de equipa, mas também em grau bastante elevado deles próprios, da sua aplicação, maneira de ser e reagir, e de força de vontade. Tais indicações resultam da nossa própria experiência, e de termos seguido com interesse a adaptação de alguns desses praticantes.

Quando um homem muda de clube faz-se à volta dele, ao primeiro pontapé de prática em campo, imediatamente, um ambiente ou exageradamente optimista ou totalmente negativista. Raro há meio termo. E raramente a «opinião de todos influenciada por alguns» corresponde à verdade. E como tudo quanto não é verdadeiro não vinga, as excepções só confirmam a regra, sucede algumas vezes que os adeptos se sentem desfalcados no seu juízo que era, aliás, manifestamente precipitado, contribuindo em seguida para a anulação e desaproveitamento de um valor que, visto nas suas verdadeiras proporções, poderia ser muito útil e até acabar por triunfar. Se os adeptos não se deixassem levar, muitas vezes, pelos próprios anseios, no que respeita ao valor dos jogadores novos ou daqueles que ingressaram nas suas fileiras, e com os quais são precisos cuidados mais constantes do que com as unidades antigas, contribuiriam com eficácia para a melhoria dos grupos de futebol. Infelizmente, tal não sucede.

Sabemos de jogadores que, nestas condições, chegam a descrever inteiramente de si próprios, julgando-se muito inferiores, e passando mesmo noites em claro, imaginando e desdobrando as suas dúvidas num estado pavoroso de angústia e descrença. Tudo quanto esses elementos devem fazer, se tal acontecer, é procurarem o treinador, a sós, abrindo inteiramente o espírito e contar sem reservas tudo que se passa, a falta de confiança que deles se apoderou.

Sentimos cada vez mais que a missão do treinador, desde que não haja orientador técnico ou pessoa colocada acima — orientação que quase todos os clubes estão a seguir e que deve generalizar-se para bem do futebol — não é simplesmente ensinar a dar pontapés ou a situar devidamente a unidade no rectângulo de jogo, mas igualmente encaminhar o homem na sua vida de jogador e fora dela, protegendo-o e tornando mais fácil o seu êxito.

Nunca é demais repetir-se que entre o homem que comanda um grupo e os que o servem deverá haver a melhor camaradagem, se não verdadeira amizade, que faça com que os jogadores vejam no treinador o seu mais leal e útil auxiliar, recebendo deste a todo o momento provas de afecto que não excluem, evidentemente, a necessária disciplina que está mesmo na base de hierarquia de funções.

Compete ao treinador ao pressentir o já referido estado de dúvida no espírito do jogador, tratá-lo e encaminhá-lo com inteligência, demonstrando por exemplos e palavras a sem-razão do seu pensamento, procurando que ele readquirir a confiança perdida e encaminhando-o nos treinos com a maior prudência, não esquecendo que deve ser objecto de uma análise atenta a escolha do desafio da apresentação e das primeiras partidas que se seguirem. Insensivelmente, não sentindo que está a ser medicado e objecto de especiais cuidados e de um tratamento que se destina a salvá-lo, o jogador recuperará a sua força e vida, vindo ao de cima, então, com relativa facilidade, os seus recursos de ordem técnica e a sua intuição como praticante. O jogador encontrará-se a si próprio!

Nem todos os treinadores, porém, estão à altura das funções a desempenhar e de que damos um exemplo sugestivo. Sabemos de alguns a quem não escapam estes problemas. Mas é difícil, sem dúvida, encontrar o treinador perfeito: o que sabe executar e ensinar em campo é, por vezes, de reduzida cultura e adaptabilidade; o de boa formação educativa, não é capaz de fazer e servir de exemplo na prática. Todavia, o escol de mestres do Jogo vai melhorando, e as palavras das pessoas que já levam uma vida inteira a conviver com estes assuntos não devem perder-se...

O desgosto que teríamos, em hipótese contrária, não havia de durar muito tempo. Estamos acostumados a ver tais coisas no futebol que há muito nos secaram as lágrimas. Ainda e sómente persiste o sorriso — que teimamos em que não desapareça!

TAVARES DA SILVA

OS AMERICANOS DE 1950 NÃO VALERAM OS DE 1949

(Conclusão da página 8)

Um factor interveio decisivamente em todos estes contratemplos: o adiantado da época. Todos sabemos que, depois dos Nacionais, se não pode contar mais com a maioria dos praticantes. Perguntamos, com inquietação, com quem poderá contar o Sporting para enfrentar o Barcelona, se este clube sempre vier a Lisboa em Setembro. Mas voltemos por agora aos americanos.

Todos os resultados deste ano foram inferiores aos de 1949; ficamos com a impressão de que a forma da maioria dos visitantes não era apurada. Gordien, o homem que estabelecera no Lumiar um novo recorde do mundo, só atirou o disco a 49^m,52 (sete metros a menos); Heintzman, de dois metros em Julho do ano anterior, baixou a sua marca para 1^m,85; Rasmussen, com a atenuante de se maguar numa queda, transpôs com a vara uns internacionalmente modestos 4^m,03; em vez dos imponentes 17^m,37 de Fuchs, Gordien lançou o peso a 15^m,03 e, para cúmulo, Hart passou nos 1500 m. em 4 m. 10 s. Um escalão acima, Jacobs ganhou os 800 m. em 1 m. 56,6 s., demonstrando o ritmo e a descontração em que se deve correr a distância; passou nos 400 m. em 56 s., tempo comum aos nossos meio-fundistas. A diferença está em haver percorrido a segunda metade da prova em 1 m. 0,6 s., ao passo que os portugueses, dando impressão de muito maior esforço, gastam 1 m. 5 s.

O vencedor das barreiras foi Greave, com 14,8 s. nos 110 m. e 55 s. nos 400 m.; Campbell dominou em velocidade, com 10,6 s. nos 100 m. e 21,9 s. nos 200 m., tempos bastante bons, sem serem

excepcionais; Hart, sem se esforçar, mas em bom andamento venceu os 3.000 m., em 8 m. 52,4 s., o que nada tem de famoso; Bryan, na ausência de Alvaro Dias, ganhou o comprimento com modestos 6^m,92 e foi vencido no triplo com 14^m,285, patenteando em ambas as provas estilo rudimentar.

Da banda dos portugueses, os atletas benfiquistas estiveram em realce; Alcide, cuja abstenção teríamos preferido em vésperas de abalar para Bruxelas, venceu a sua prova, sem se empregar mais do que o necessário, com 14^m,45; a equipa Casimiro, Matos Fernandes, Eleutério e Paquete, melhorou o recorde nacional da estafeta sueca para 1 m. 59,1 s. e os mesmos, com Eduardo Pereira, no lugar de Casimiro, triunfaram dos americanos na estafeta 4 x 100 m., igualando o recorde nacional, 43,7 s.

Paquete, que partiu com dois metros de avanço sobre Campbell, terminou com um peito de vantagem. Ou o americano andou muito ou o nosso campeão não voltou ainda à sua melhor forma.

A notar ainda as boas provas de Eleutério nos 200 m., em 22,5 s., ombreando com os americanos até aos cinquenta metros finais; de Eduardo Pereira, no salto em comprimento com 6^m,825, sua melhor marca; de Durão nos 110 m. barreiras, 15,6 s., e de Matos Fernandes, com 55,7 s. nos 400 m. barreiras; de Eduardo Silva nos 800 m., com 1 m. 59,8 s. que parece ser o seu limite actual; de Rui Maia, que mais uma vez alcançou 10,8 s. nos 100 m. e, sobretudo, de Branco e Lourenço nos 3.000 m., respectivamente 8 m. 53,4 s. e 8 m. 54,2 s., segunda e terceira marcas nacionais. SALAZAR CARREIRA

POR ESSE MUNDO FORA

Ciclismo

O Campeonato do Mundo de Velocidade, Perseguição e Meio-Fundo, reservado a amadores e profissionais, efectuou-se há dias em Liège (Bélgica).

O grande vencedor foi o inglês Reginald Harris, que triunfou sobre uma coligação notável, composta dos holandeses Derksen e Van Vliet e do francês Girardin.

Harris, em grande forma, percorreu os 200 metros em 11,3 seg. sem perder uma única tentativa.

Nos amadores registou-se um incidente, entre os franceses Verdeun e Even, ambos qualificados para a final. O primeiro, mais sagaz e experiente, dominou o compatriota mas deixou dúvidas quanto à sua superioridade verdadeira.

Nas corridas «Perseguição» (profissionais) houve também um conflito, por retardamento de um pneu da bicicleta do holandês Van Est. Repetida a prova o italiano Bevilacqua triunfou novamente e sem discussão.

Na mesma prova, reservada aos amadores, o australiano Patterson bateu os favoritos, Gaudini e Messina, italianos, por dois metros de vantagem.

O tempo de Bevilacqua, nos 5 Km. (6 m. 5,8 seg.) é, verdadeiramente, excepcional.

Atletismo

Excelentes resultados (como era de prever) durante os campeonatos finlandeses. O conhecido fundista Heino, por doença, não se apresentou mas esperase que participe nos campeonatos europeus de Bruxelas.

Inkala ganhou os 100 e 200 metros, em 11,3 e 22,4 seg.; os 400 pertenceram a Back (45,7); os 800 a Taipale (1 m. 52,5 seg.); que também venceu os 1.500 (3 m. 51,2 seg.); os 5000 couberam a Makela (14 m. 20,2) e os 10.000 a Salonen (30 m. 55,8).

● O corredor norueguês Audun Boysen,

quase desconhecido até à data, é o grande favorito dos campeonatos da Europa na prova de 800 metros. Numa prova disputada em Goeteborg (Suécia) bateu todos os adversários e fez o tempo de 1 m. 48,7 seg., que é o melhor registado em 1950.

Outros favoritos: o russo Soukhariev (100 metros e 200); o inglês Jugh (400); o sueco Strand (1.500); o checo Zatopek (5000 e 10000) o francês Marie (110 barreiras); o italiano Filiputi (400 barreiras); o escocês Paterson (altura); o francês Faucher (comprimento); o sueco Lundberg (vara); o russo Shep-bakov (triplo); o russo Lipp (peso); os italianos Consolini e Tosi (disco); os finlandeses Hyttiainen e Rautavaara (dardo) e o húngaro Nemeth (martelo).

Série II — Ano VIII — N.º 403

Lisboa, 23 de Agosto de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252 1.^ª
Telefone: 31187 LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

O Professor de Ginástica

SERRADAS DUARTE

Mestre de técnica de futebol
no recente Curso de Treinadores

Emite várias opiniões:

Os problemas de formação são geralmente morosos —
A destriça entre amadores e profissionais é imprescindível
— Preferência para os Girondinos — Inglaterra, a melhor
selecção — A linha dianteira de Espanha recorda a dos
tempos aureos — Pizemos bem em não ter ido ao Brasil

C AUSEU talvez surpreza no público aficionado, a indicação do nome de Serradas Duarte para leccionar técnica de futebol no recente Curso de Treinadores organizado pela Federação Portuguesa de Futebol.

É um nome pouco conhecido, talvez. Mas para tal, pouco importa a fama. Interessa, sim, a competência.

Decerto, para o escolherem para essa nomeação, os dirigentes federativos tinham fundadas razões para o fazer. E cremos que Serradas Duarte não desmereceu da confiança nele depositada, a despeito da dificuldade — e novidade — da tarefa.

Havia pois motivos de sobra para desejarmos ouvi-lo. Mas Serradas Duarte é avesso a entrevistas — e ele lá tem as suas razões...

Sómente por uma questão de camaradagem (Serradas é o redactor técnico de Record) é que conseguimos demovê-lo.

Tínhamos, é claro, natural interesse em conhecer a sua opinião sobre o Curso, como decorrerá, o que se projectava agora fazer, etc.

O tema da entrevista não agradou a Serradas Duarte. Confessou-nos francamente. E disse-nos: — «As minhas relações com a Federação iniciaram-se no Curso de Treinadores. A minha função foi de simples encarregado de tratar da técnica de futebol e foi no desempenho dessa missão que tive o prazer de conhecer os dirigentes da Federação, srs. eng. Mascarenhas de Menezes e dr. António José de Melo. Ora este facto não me parece que possa habilitar-me a criticar ou dizer alguma coisa acerca dos projectos da F. P. F.. Por um princípio geral de comportamento para com os colegas do corpo docente, não devo tomar outra atitude. Concluindo: não sou a pessoa indicada para responder à questão!»

O problema, posto neste pé, deixava pouca margem para variações. Mas tentamos ainda: — Que pensa acerca da utilidade destes cursos?

— Pessoalmente creio que, de algum modo e em algum momento, se teria de pegar no caso dos treinadores. Penso que, até para além da utilidade técnico-táctica e elementos auxiliares, o Curso «agitou» entre a classe e

personas afins, a necessidade de protecção à mesma em vários aspectos que o tempo terá de revelar. Entendo que se começou; agora deverá continuar-se, e com morosidade será, porque os problemas de formação são geralmente morosos.

— Mas anunciou-se para muito breve nova edição do Curso, não é assim?

— Nada mais posso acrescentar ao que a Imprensa divulgou — respondeu o nosso interlocutor.

Mudamos de tecla:

— É partidário do profissionalismo dos jogadores?

— Sim. A destriça entre amadores e profissionais é imprescindível. O futebol é ou não espectáculo público? Dada a sua actual complexidade e a tendência acentuada de equilíbrio de valores, só há uma maneira de respeitar o público: os profissionais exibindo-se à altura, para o que terão necessidade de se preparar adequadamente. E o público pagará para os ver — e só então poderá exigir bom espectáculo.

Esta fórmula protegerá também os praticantes amadores, cuja percentagem revela efectivamente o índice desportivo de qualquer nação.

A conversa recau a seguir sobre as equipas de profissionais que nos visitaram na época finda. Quando lhe perguntámos qual fora a que lhe agradara mais, Serradas respondeu-nos:

— Entre as de clubes, confesso que a minha preferência vai para a do Girondinos. Pareceu-me uma equipa com um plano previamente estabelecido e com todos os seus elementos a formarem um conjunto homogéneo, de apurado sentido de entre-ajuda. É magnífico ver onze jogadores a darem cumprimento perfeito à execução de um plano tático!...

E Serradas Duarte prosseguiu:

— Entre as selecções nacionais, do que se viu fazer em Portugal, a inglesa pareceu-me a melhor. Todavia, o eixo da equipa (defesa-central — avançado-centro), em especial o primeiro, que substituiu Franklin, não me pareceu à altura do resto da equipa. E no capítulo de preparação física, ao primeiro quarto de hora da 2.ª parte, os ingleses já revelavam falta de pernas. Dada a orientação inglesa, é um pormenor para ponderar.

NATAÇÃO

FERNANDO MADEIRA

EM GRANDE «FORMA» FOI O NADADOR MAIS EM DESTAQUE NOS «REGIONAIS» DA A. N. L.

D EPOIS de se ter apossado, no decurso da segunda jornada, do recorde absoluto dos 400 metros-livres, fixando-o em 5 m. 15,8 s., Fernando Madeira voltou a cometer proeza de grande vulto na prova de 1.500 metros-livres, domingo último, na terceira jornada dos «regionais», com muito brilho efectuada na piscina do Alhandra Sporting Clube.

Em excelente estilo, patentemente uma vez mais a sua admirável regularidade, conduzindo a sua prova de principio a fim em belo ritmo, Fernando Madeira deu, sem dúvida, a nota sensacional da jornada — e a destes campeonatos. Ao fim e ao cabo, mais de uma centena de metros sobre Baptista Pereira e um tempo de real classe: 21 m. 27 s., apenas mais dois segundos que o recorde absoluto, e o recorde de juniores (23 m. 11,6 s.) largamente batido.

Saliente-se, ainda, entre os juniores, a excelente corrida, o «tempo» verdadeiramente promissor de Eurico Perdigão (23 m. 13,8 s.), nadador de bom futuro, com toda a justiça campeão dos 200 metros-livres, com 2 m. 42 s.

Alfás, os juniores tiveram nesta ronda comportamento digno de realce. Está neste caso José Inácio Borja, campeão de 100 metros-costas, com 1 m. 16,8 s., e que correu sózinho os 100 metros-marpissa, arrendando, assim, outro título, com a marca de 1 m. 33,8 s.

Se, efectivamente, os juniores tiveram acção digna do melhor elogio, o mesmo não se pode dizer dos seniores, cujas marcas não estão, de modo geral, de acordo com a sua categoria. Assim, se nos 200 metros-bruços houve, na realidade, bom despique, a verdade é que as marcas são francas: 3 m. 15,6 s. para Albano Fidalgo e 3 m. 16,8 s. para Adriano Cabral Rodrigues.

Os 1.500 metros ressentiram-se do abastamento de «forma» dos alhandreiros e, daí, a modestia dos tempos registados.

Ainda que sem resultados famosos, a estafeta olimpica de 4 x 200 metros-livres resultou particularmente emotiva. Três equipas de valor equilibrado — Estoril, Alhandra e Algés — sustentaram renhido duelo, emotivo e indesejo até final que constituiu magnifico fecho da reunião.

Por sete décimos apenas, o Estoril-Praia logrou excelente triunfo, em beleza, sobre a meta. Aliás, todas as equipas se bateram muito bem — o melhor possível, dentro dos valores individuais de que dispunham.

Um grupo de gentis nadadoras emprestou no festival boa animação. Correram com entusiasmo e, para elas, devem ir, também, os aplausos da critica.

Fernanda Cunha, Maria Luisa Araújo, Regina Deniz Mendes, Lucélia da Silva Anjeia, Maria José Meles e Rita Emília Bruno, conquistando títulos de campeãs, tiveram, assim, o merecido prémio do seu labor e da sua dedicação pela modalidade. Uma modalidade que, se não conquistou ainda, como seria para desejar, a mulher portuguesa, continua, no entanto, a possuir um núcleo animoso de jovens praticantes.

O balanço desta terceira jornada — que a Associação de Lisboa, em hora feliz, fez disputar em Alhandra — dá-nos em dezoito provas disputadas, quinze victórias do Algés, duas do Estoril-Praia e uma do Alhandra. Vista no seu conjunto, apresenta-nos como principal apontamento a excelente acção dos juniores — belo prémio com vista ao futuro da modalidade.

ABREU TORRES

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

A SAIR NOS PRIMEIROS DIAS DE SETEMBRO CONSELHOS UTEIS SOBRE FUTEBOL

Pequena história do Futebol — Sistema de treino — Ginástica — Conselhos aos árbitros — Jogadores e seu equipamento e ss

LEIS DO FUTEBOL — com todas as suas alterações. Um livro que todos os entusiastas do futebol devem adquirir. Preço 10500, em Lisboa, Província mais correio e cobrança.

Pedidos à CASA DESPORTO Rua da Madalena, 196 — LISBOA

Quanto à equipa espanhola, — continuou Serradas Duarte — a impressão que me deixou a linha dianteira foi de molde a recordar em certos lances (haja em vista o golo anulado) a grande «avançada» espanhola dos seus tempos aureos. O futebol espanhol conta realmente com muito bons avançados. Ontem, como hoje, o seu tipo de movimentação, a sua alegria característica e o modo incisivo de caminhar para a baliza, dão grande poder ofensivo à equipa. Mas a sua força não é homogénea. O sector médio e defensivo revelou desconhecimento das zonas que melhor podem ser perfuradas no M defensivo. No entanto, a selecção inglesa, no Rio de Janeiro não conseguiu passar essa defesa, para provar que o futebol ainda é sobretudo «jogo»...

Nesta altura, entramos no «café» aonde nos acolheramos, alguns jornalistas conhecidos, entre os quais Ricardo Ornelas, com quem Serradas Duarte privara no Curso de Treinadores. O nosso amigo mostrou desejos de ir cavaquear um pouco com o distinto técnico, mas só o deixámos par-

tir depois de nos responder à seguinte pergunta:

— Concordo em não termos ido ao Brasil?

— Concordei, sim. Quer encarando o problema no aspecto de conceito de trabalho quer sob o ponto de vista desportivo, não deveríamos ir.

Como se diz, porém, que os nossos jogadores são semi-amadores (ou semi-profissionais, como queira) é possível que se pudesse aceitar a ida sem relutância, no capítulo técnico...

Mas o convite colocava o problema na dependência de outras circunstâncias, dada a tendência actual para encarar os problemas do desporto para além do seu campo restrito. Foi de facto prudente não comparecer. Já pensou nas prováveis consequências que se criariam para a colónia portuguesa, integrada nas «torcidas» exaltadas, se os resultados dos jogos que disputássemos fossem de molde a causar... excitações?!

E com esta observação, o prof. Serradas Duarte deu por terminada a entrevista.

V. SANTOS

TRAZER DE NOVO O "ELVAS" À I DIVISÃO É O MEU MAIS VEEMENTE DESEJO

— afirmou «mister» Peics, novo treinador do clube alentejano

rigir. Assim, poderei, proficuamente alcançar o que pretendo e o clube deseja e exige. Vou servir «O Elvas» com o maior entusiasmo, na crença firme de que se alcançará o pretendido, isto é, que o clube alentejano venha a ocupar o lugar que justamente lhe pertence e que um soprar de vento contrário atirou para uma posição que só se pode admitir como transitória. A matéria prima, que conheço quase na totalidade, é boa. Tudo caminhará bem.

— De todos os clubes em que esteve, qual lhe deixou mais gratas recordações?

— Sem o menor reboço lhe afirmo que foi «Os Belenenses». — respondeu-nos sem hesitar. É uma agremiação que estimo e admiro pelo trabalho digno e sério, como me foi dado observar de perto. Todos os jogadores que comigo privaram foram e são meus amigos. Disciplinados e acatadores, facilitaram-me a missão. Entre tantos, quero citar-lhe os nomes de Feliciano, Serafim e Sérgio, excelentes jogadores e óptimos caracteres, numa modesta homenagem aos atletas belenenses. Recordo com emoção sentida, que me dá prazer imenso, a turma de juniores desse tempo, um bloco de rapazes cheios de valor e que hoje atestam de forma destacada que a minha passagem pelo clube não foi despropositosa nem desastrosa. Figueiredo, David, Pinto de Almeida, Rocha, Andrade, Narciso Pereira e outros, componentes da equipa de juniores por mim treinada, provam claramente que as bases foram boas. Isso me basta para sossego da minha consciência. Recordo e presto homenagem aos directores dr. Constantino Fernandes, Miguel Butler, Santos Varela e Carlos Florêncio pelo apoio que me dispensaram e pelo brilho que da sua acção adveio para os «azuis». Nesse tempo, «Os Belenenses» podia equiparar-se, sem favor, em mérito, no campo da luta, ao Sporting e Benfica. Por isso mesmo os desafios entre os três, eram seguidos com afeição e paixão, provocando extraordinário interesse aos aficionados, por ser difícil vaticinar, previamente, quem seria o vencedor.

— E os outros...

— Saudades me deixaram também. Criam-se amizades fortes que perduram vida fora, como eles que prendem esta enorme família que abrange todos os desportistas. Se lhe fosse citar nomes e factos não lhe chegariam muitas páginas da sua interessante Revista, de que me confesso leitor assíduo. Portanto, certifico a todos a minha estima, declarando que uns me compreenderam e auxiliaram melhor do que outros. Mas isto não é queixume. São ossos do ofício, é a consequência natural de quem tem por incumbência limar arestas, destruir defeitos, aproveitar qualidades...

— Que pensa do futebol português?

— Sinceramente lhe afirmo que tem progredido técnica e taticamente, mas que, em condições diferentes, podia ir muito mais longe, firmando-se como um sério competidor em pugnas internacionais. O jogador português é por indole um habilidoso. Reune um total de qualidades que lhe permitem praticar o futebol com todos os modernos requisitos seguidos nos países mais avançados. Faltam-lhe porém, as condições essenciais para um aperfeiçoamento metódico, consciente

e a longo prazo. Aos direitos contrapõem-se as obrigações. Um profissional, com todas as prerrogativas e com todos os deveres, com o tempo livre para se consagrar inteiramente ao mister de dominar uma bola e criar uma técnica e uma perfeição de conjunto, levaria o vosso futebol a um lugar primacial. Assim, da forma como se actua, já muito conseguiram os portugueses, como o provam resultados meritórios e honrosos conseguidos perante formações estrangeiras de

(Continua na pág. 11)

ALEXANDRE PEICS, húngaro de nacionalidade, mas português pelo coração, fixou residência em Portugal, há 7 anos e tem exercido o seu mister de treinador profissional de futebol em vários dos principais clubes nacionais.

Afável, modesto, amigo do seu amigo o «mister», como todos o tratam, é um bom cavaqueador e já vai dominando, menos mal, o nosso idioma. Com o à-vontade próprio que consente uma convivência de perto, pedimos-lhe algumas opiniões para a «Stadium». Com um sorriso, acedeu prontamente, mas inimigo da publicidade, custou a convencê-lo de que a entrevista devia ser ilustrada com umas fotografias e que, portanto, no-las devia dar.

Instalados a um canto de uma pastelaria, a conversa começou fluente e alongou-se por mais de uma hora. Todavia, a par dos assuntos que propriamente vamos revelar outros surgiram; pitorescos uns, anedóticos outros. Da sua acção nos clubes por onde já passou, servindo sempre com zelo, honestidade e dedicação, falam melhor do que ele próprio, os resultados conseguidos, sem esquecer de que nem sempre os treinadores são os culpados de que as suas turmas não vençam campeonatos, como os «furiosos» a todo transe apregoam, quando as coisas não correram de feição para as suas cores ou o valor do adversário foi superiormente nítido.

Eis as primeiras revelações de «mister» Peics:

— Desde que cheguei ao vosso encantador país, que muito admiro sob vários aspectos já prestei o meu modesto concurso de treinador a seis clubes. Vou, mais uma vez, servir outro. A mesma fé, a mesma sinceridade e desejo, de corresponder à confiança manifestada, me acompanham nesta deslocação para Elvas. Treinei «Os Belenenses» durante dois anos; o Vitória, de Guimarães, um; a Académica, de Coimbra, um; o Vitória, de Setúbal, um; o Almada Atlético Clube, um; e, finalmente o Sporting, um, também. Conheço a minha profissão, tenho a consciência da responsabilidade, não me eximo a trabalhar, estou sempre pronto para ajudar os meus pupilos. Em contra-partida, peço, apenas, que me ajudem, sigam os meus conselhos, acatem as determinações dadas e me deem aquele mínimo de autoridade indispensável aos que tem por missão di-

Ainda a... VOLTA A PORTUGAL em bicicleta



JA tanta tinta e papel se gastou com a Volta a Portugal em bicicleta, com as possibilidades duns, a sorte doutros, a sombra que os estrangeiros fizeram aos nossos maiores e o triunfo glorioso dum valoroso português — Dias dos Santos — que o assunto parecia por si esgotado. A imprensa dedicou a esta competição os seus melhores artigos, as suas melhores páginas.

Houve, no entanto, pequenos pormenores que quase só àqueles que acompanharam a caravana do princípio ao fim não passaram despercebidos. Esses pequenos pormenores merecem-nos também umas linhas, porque também foram heróis, embora mais obscuros. Não foram homens, mas sim as máquinas. Eis o que parece um absurdo, mas não o é, e explicamos porquê.

Queremos referir-nos às bicicletas motorizadas que acompanharam, pela 1.ª vez, a caravana ciclista.

Estes nossos companheiros motorizados que tanto deram que falar, grangearam a simpatia de todos e foram alvo de manifestações de carinho e entusiasmo, merecendo a admiração de todos pela rude prova a que desinteressadamente se estavam a sujeitar. Sem menosprezar quaisquer outros, referimo-nos à Caravana VAP, que, enquadrados no pelotão, suportando como todos os corredores o calor e o pó, prestou úteis serviços de ligação dentro da Organização. Foi de facto para eles e para os seus motores uma prova de resistência e regularidade; mais para eles, porque nenhum tinha

preparação atlética para provas deste género, enquanto que os seus motores são construídos para esse fim. Ao desejo de irem sempre na vanguarda para cumprirem a meta juntamente com os primeiros, sobrepuseram a sua vontade de se tornarem o mais úteis possível, ficando para trás no sentido de chamarem algum carro de apoio para qualquer corredor menos desprotegido; o próprio carro de apoio destes dois ciclistas motorizados da V. A. P. os deixou, tantas vezes, só, a dezenas de quilómetros do final da etapa, confiante apenas na qualidade dos motores das suas bicicletas, para prestar qualquer serviço que lhe era atribuído, como seja transportar ao hospital os feridos dum carro de apoio da Organização, que tivera um desastre, ou ainda comunicar ordens irradiadas da direcção da prova.

A equipa VAP, sempre com o melhor humor, no fim das etapas, dava todos os esclarecimentos que lhe pediam quer respeitante à prova, quer ainda referente aos motores das suas bicicletas, permitindo mesmo que centenas de pessoas os experimentassem, colhendo de todos as melhores impressões.

Por tudo isto, são dignos do nosso reconhecimento e podemos dizer que está de parabéns a Casa VAP porque, numa prova de cerca de 3.000 quilómetros, mostraram a grande qualidade dessa marca, cuja resistência convenceu, hoje, indiscutivelmente os mais incrédulos.

Aplausos aos seus componentes!!! Parabéns à V A P !!!

ALBERTO FREITAS

JORNALISTA DISTINTO E TÉCNICO SABEDOR
EVOCA OS SEUS 27 ANOS DE ACTIVIDADE



M AIS um dos grandes jornalistas desportivos portugueses, vem depor, hoje, no nosso inquérito, em boa hora começado.

A gente moça da nossa terra que dedica a maior atenção e desvelo aos problemas do desporto, acompanhando de perto a sua evolução, lê com respeito as opiniões expandidas por nomes que conhece como figuras destacadas, mas ignora o seu trabalho em profundidade durante muitíssimos anos.

Foi mercê da sua fé, coragem e espírito de abnegação que os escolhos foram desaparecendo e a estrada por onde o desporto caminha, se apresenta, agora, com um piso mais suave...

A recolha de elementos que vamos fazendo, tem por fim colocar esses nossos estimados camaradas na posição que lhes compete, tornando a sua obra conhecida, num preito singelo, mas justíssimo, do muito que lhe devem o desporto e os aficionados.

Alberto Freitas é um dos jornalistas desportivos de mais saliente valor. Culto, estudioso, sabedor, brilhante nos seus artigos e crónicas (possui estilo próprio), ocupa por direito próprio o lugar de primazia de que desfruta. É também técnico de comprovados méritos, abordando com a mesma firmeza e autoridade assuntos de várias modalidades. Trabalhador infatigável consome a sua actividade no jornalismo e na orientação do atletismo clubista.

1923-1925 — 27 ANOS DE JORNALISMO

— Como e onde comecei a escrever? É natural a pergunta. Podes tomar nota. Em 1923, no «Sport de Lisboa». Raúl de Oliveira convidou-me para escrever nesse jornal como amador. Estive lá um ano e alguns meses. Escrevi algumas pequenas crónicas sobre desporto no estrangeiro e crónicas de futebol, uma das quais, sobre um jogo Sporting-Casa Pia, provocou muita agitação porque... dizia-se, era demasiadamente favorável aos «leões». Eu escrevera, como ainda hoje escrevo e como escreverei sempre, — segundo a minha consciência, sem cuidar de agradar ou desagradar a este ou àquele sector. Mas a crónica,

pela discussão que motivara, abriu-me horizontes mais largos. Em Outubro de 1924 fui convidado para ingressar em «Os Sports» de que era director Campos Júnior. O meu primeiro artigo intitulou-se «Os ensinamentos da época de atletismo». Nunca mais sai de «Os Sports», trabalhando sucessivamente com Cândido de Oliveira, Gomes Monteiro e Raúl de Oliveira, — a pessoa que me «descobriu» e o meu melhor e maior amigo.

— Mas desde que estás em «Os Sports» ou «Mundo Desportivo», não escreveste em outro jornal? — atalhamos.

— Colaborarei em duas revistas portuguesas, «O As» e «Eco dos Sports», ambos dirigidos por Artur Inês. Fiz a secção de ténis de um jornal que pertencia a Cândido de Oliveira, chamado «Gazeta Desportiva», dirigí os «Sports Ilustrados» e chefeei a redacção do jornal do Sport Lisboa e Benfica. Isto, internamente. Fora do país tenho colaborado com maior ou menor assiduidade em «A Gazeta de S. Paulo», «Vida Desportiva» de Barcelona, «Mundo Desportivo», de Barcelona e «Football», de Paris, quando o grande jornalista Marcel Rossini era director deste jornal. Veio, porém, uma ocasião em que tive convite para colaborar em certo jornal desportivo. Pedi autorização à empresa de «Os Sports», que me foi recusada. Lembro-me bem de que um ilustre administrador para justificar a recusa, me citou este exemplo: — «Se num jogo Sporting-Benfica, o Sporting pedir o Francisco Ferreira emprestado, o Benfica, cede-o? Certamente, não. Nós também não o podemos ceder.»

— Tens abordado muitas modalidades? — inquirimos.

— Quase todas, — respondeu-me, embora me sinta mais à vontade quando escrevo sobre atletismo, futebol, pugilismo, ténis e rúgbi. Mas já abordei natação, luta, óquei em campo, remo, esgrima, ginástica e ciclismo. Fiz várias vezes a reportagem da «Volta a Portugal» para «Os Sports», «Mundo Desportivo» e «Diário de Notícias». Escrevo também sobre teatro e cinema. A propósito, digo-te que a entrevista é um género de jornalismo que me interessa particularmente. Creio ser o jornalista desportivo que mais personalidades nacionais e estrangeiras tem entrevistado.

— Quantas vezes tens sido encarregado de reportagens fora do país?

— Têm sido tantas que não as posso precisar. Vou citar-te algumas: a primeira foi em 1929, a Madrid, para fazer a crítica de um desafio de futebol, Lisboa-Madrid; em 1930 o «Notícias» escolheu-me para ir a Montevideu ao Campeonato do Mundo de Futebol. Mas não fui... É um dos passos mais curiosos da minha carreira de jornalista e de desportista. Na véspera da partida comuniquei que não podia seguir... O motivo poderá parecer

estranho, mas é autêntico. Realizava-se em Lisboa uma prova de estafetas 4 x 100 metros e eu tinha interesse em ver o que fazia uma equipa de «Os Belenenses» que eu treinava. Para ver a corrida não quis ir ao Uruguai e ao Brasil, — o que deve constituir um recorde do mundo!... A tal equipa ganhou, mas eu perdi uma bela viagem. Paciência, talvez um dia calhe...

— Queres dizer...
— Que um dia irei ao Brasil, mas para lá ficar. Já por duas vezes tive convite para ir trabalhar para S. Paulo. O meu amigo Tomás Mazzoni, o melhor jornalista brasileiro, apresentou-me, há tempos, proposta muito vantajosa... Eu não pretendo ser rico. Interessa-me, primeiro, o desporto português. Às vezes penso que não vale a pena seguir esta directriz, numa terra onde geralmente, — há contudo excepções — triunfam os cretinos, e a «empenhoca» é moeda corrente... Prosseguindo, mais algumas viagens: a Londres, para fazer a reportagem dos Jogos Olímpicos, Madrid, Paris, Dublin e Génova, para fazer a crítica de jogos internacionais de futebol e, ainda, Bilbao, Barcelona, para apreciar encontros de atletismo.

— As tuas melhores reportagens, Alberto?

— Conscientemente posso dizer-te que as dos Jogos Olímpicos de Londres, as que fiz em Paris e as que uma volta completa à Itália me proporcionou.

DA FORMA COMO TRABALHA, DA INFLUÊNCIA DO JORNALISMO NO DESPORTO E...

— Como trabalhas? — interrogámos de seguida.

— Indiferentemente, — como é preciso. De dia ou de noite, em casa, na redacção, no café, se uma ideia surge de repente, no comboio, no avião ou no vapor. Não preciso, por enquanto, de concentração espiritual para trabalhar. Os artigos mais importantes traço-os em mente e depois escrevo-os.

— Preocupa-te o estilo?

— Sim. Tenho, creio, uma forma pessoal de escrever. Entendo que isto é indispensável ao jornalista. O jornalismo desportivo é o mais difícil de todos, porque requer verdadeira especialização, mas não deve ser embebido apenas de conceitos técnicos e táticos. Por exemplo, uma

(Continua na pág. 10)

Vilar na Volta a Portugal



Os velhos campeões Trindade e Nicolau com as bicicletas Vilar-Cúciolo com que deram a Volta a Portugal.

A prova máxima da qualidade dos produtos Vilar acaba de ser dada pelo comportamento das BICICLETAS VILAR, que equipadas com o motor Cúciolo deram a volta a Portugal a velocidade média muito superior à do vencedor da prova. Três mil quilómetros sem precalços em honra da INDÚSTRIA NACIONAL!

Vilarinho & Moura, L.^{da}

Rua do Bonfardim, 826

PORTO

QUATRO EQUIPAS

com possibilidades à procura do título

AO cabo de nove arrastadoras «ron-das» — porque algumas delas fo-ram, realmente, de quedas de ilu-sões... — concluiu-se a primeira volta do campeonato de Lisboa de hóquei em patins: o 2.º da série. E que venças não?! Um Campo de Ourique a querer grimar; um Benfica a bater o pé aos melhores; e estes que para o caso são Paço de Arcos e Sintra, a deixarem-se ir na avalanche!

C. Sin., embora, porque o Benfica já bateu o Paço de Arcos (5-1) e o Sintra (5-3) parecendo até que ainda não está satisfeito — enquanto o Campo de Ourique derrotou o Futebol Benfica (que tinha ganho ao Sintra: 5-1) por 3-2, perdendo depois com o Sintra, apenas por 2-3. Que dizem a isto? É uma coisa dos demónios — ou não? E os dois Benficas (para não desmancharem o conjunto) empataram 3-3.

Quer dizer: os «malorais» contam já duas derrotas cada um — Paço de Arcos contra Benfica (1-6) e Sintra (6-8); H. C. Sintra contra Benfica (3-5) e Futebol Benfica (1-5) — e, apesar de comandarem a situação, têm apenas um ponto de vantagem sobre os Benficas e dois sobre o Campo de Ourique! O torneio promete — lá isso é verdade — e a segunda volta (tudo o faz prever) vai ser disputadíssima. Oxalá que sim.

Entretanto, para mais completa elucidação, repare-se nas classificações dos 10 concorrentes, que são as seguintes:

J. V. E. D. Gols P.

Paço de Arcos ...	9	7	—	2	73-27	14
Hóquei de Sintra	9	7	—	2	54-26	14
Futebol Benfica...	9	6	1	2	46-25	13
Benfica	9	6	1	2	45-25	13
Campo de Ourique	9	6	—	3	49-27	12
Sport. de Oeiras...	9	4	1	4	43-34	9
Académica	9	4	1	4	35-56	9
Cascais	9	2	—	7	25-45	4
Paredé	9	1	—	8	14-52	2
Ateneu	9	1	—	8	11-69	—

386

A diferença do quinto da vanguarda, é, na realidade, suficiente para definir campeon — porque os atrasados (mesmo Oeiras e Académica) jamais poderão apoucar os privilegiados; a não ser, claro está, que se verifique qualquer coisa, no seguimento da prova, a justificar mais... «quedas de ilusões». Ao ponto a que se chegou — tudo é admitível. A turma de Santo Amaro de Oeiras, especialmente, pode ter aspirações; mas as da Amadora também as acalentam. De resto, tanto uns como outros, bateram o Benfica: Oeiras (3-2) e Académica (4-3). Ora isto pode muito bem ser uma indicação...

Resultados da primeira volta:
1.ª jornada — Académica-Cascais, 5-2; Ateneu-Paredé, 0-5; Campo de Ourique-Paço de Arcos, 0-7; Futebol Benfica-Hóquei de Sintra, 5-1; Sporting de Oeiras-Benfica, 3-2. 2.ª jornada — Benfica-Campo de Ourique, 5-2; Cascais-Oeiras, 1-5; Paço de Arcos-Ateneu, 16-1 (recorde); Paredé-F. Benfica, 2-4; Sintra-Académica, 11-4. 3.ª jornada — Académica-Paredé, 5-2; Ateneu-Benfica, 2-6; Cascais-Sintra, 2-4; P. Benfica-Paço de

Arcos, 2-5; Oeiras-Campo de Ourique, 1-5. 4.ª jornada — Benfica-F. Benfica, 3-3; C. Ourique-Cascais, 8-3; Oeiras-Ateneu, 7-1; Paço de Arcos-Académica, 13-2; Paredé-Sintra, 0-8. 5.ª jornada — Benfica-C. Ourique, 4-5; Cascais-O. Ourique, 1-7; Cascais-Paredé, 5-0; F. Benfica-Oeiras, 8-7; Sintra-Paço de Arcos, 8-6. 6.ª jornada — Ateneu-Cascais, 2-5; Benfica-Sintra, 5-3; C. Ourique-F. Benfica, 3-2; Oeiras-Académica, 3-3; Paço de Arcos-Paredé, 8-0. 7.ª jornada — Académica-C. Ourique, 4-10; Cascais-Paço de Arcos, 3-9; F. Benfica-Ateneu, 8-0; Paredé-Benfica, 4-9; Sintra-Oeiras, 6-2. 8.ª jornada — Ateneu-Académica, 4-5; Benfica-Paço de Arcos, 6-1; C. Ourique-Sintra, 2-3; F. Benfica-Cascais, 6-1; Oeiras-Paredé, 10-0. 9.ª jornada — Académica-F. Benfica, 2-5; Cascais-Benfica, 3-6; Paço de Arcos-Oeiras, 8-5; Paredé-C. Ourique, 1-3; Sintra-Ateneu, 10-0.

Nas categorias inferiores também a questão do título está um tanto tremida. Assim, por exemplo, existe a luta de três (Futebol Benfica, Benfica e Sintra) em segundas — muito coladinhos uns aos outros — e de dois primeiros com o Paço de Arcos, em terceiras, igualmente «rodas-rodas» nesta embalgem para a meta. Vejamos as classificações:

SEGUNDAS — H. C. Sintra (65-21) e Futebol Benfica (52-20), ambos com 16 pontos; Benfica, 15 pontos e 53-20; Paço de Arcos, 12 e 69-35; Sp. Oeiras, 10 e 50-27; Académica, 9 e 37-27; Cascais, 6 e 31-42; Paredé, 4 e 11-72; Campo de Ourique, 2 e 14-49; Ateneu, 0 e 11-68.

TERCEIRAS — Benfica, 10 pontos e 18-12; Paço de Arcos (25-9) e Futebol Benfica (20-9), ambos com 9 pontos; Sintra, 5 e 13-7; Oeiras, 3 e 21-16; Cascais, 3 e 17-34; Académica, 2 e 9-26. O Ateneu desempenha o papel da «vitima» (até quando?) pois é último — nas duas categorias — sem um ponto sequer! Corre até o grande risco de baixar à II Divisão — perspectiva pouco animadora mas quase certa. Nas três categorias, os três melhores resultados, foram: Paço de Arcos-Ateneu (15-1) e Académica (13-2); Sp. Oeiras-Paredé e Sintra-Ateneu, 10-0 — em 1.ª; Paço de Arcos-Ateneu e Sp. Oeiras-Paredé, 15-0; Paço de Arcos-Paredé, 15-0 — em 2.ª; Futebol Benfica-Cascais, 11-1; Paço de Arcos-Académica, 7-1; Sp. Oeiras-Cascais, 7-2 — em 3.ª. Marcaram-se, ao todo, 899 golos: 356 (1.ª) + 390 (2.ª) + 123 (3.ª). Quase nove centenas... E o milheiro não tardará a figurar no quadro de resultados.

Na II Divisão, o «leader» é um estranho, com a Cuf e o Lisráis à estrieta corda: a primeira, escorregadia, o Colégio Militar — apenas um empate no Barreiro — segue garbosamente à frente: 5 vitórias, 1 empate, 41-21 e 11 pontos. Depois: Cuf, 9 pontos e 35-18; Lisráis, 8 e 23-17; Algés, 7 e 25-18; Sport. Caldas, 5 e 19-23; Estremoz, 2 e 12-33; Hóquei C. P., 0 e 3-33. E em segundas: Cuf, 7 pontos e 31-6, com 3 vitórias e 1 empate; Colégio Militar, 6 pontos e 19-15; Lisráis, 5 e 19-8; Sp. Caldas, 2 e 4-15; Hóquei, 0 e 4-33. Aqui, a «vitima» é o Hóquei C. P., velho pioneiro da modalidade — cuja perseverança merece louvar-se.

JORGE MONTEIRO

DUAS GERAÇÕES

QUANDO, há duas semanas, nos referimos nestas colunas, à clássica Travessia do Tejo a nado, salientamos o que, quanto a nós, a prova representou como simbólico «render da guarda» de duas gerações.

Com efeito, a natação lusitana vive, presentemente, fase intensa de renovação de valores. Isto não invalida, evidentemente, a classe, o nome e o prestígio dos «veteranos» — que o foram na verdadeira acepção do termo — que, na hora presente, estão cedendo o seu lugar aos novos. Mário Simas e Baptista Pereira — para citar apenas dois dos mais representativos — têm o seu lugar de há muito vinculado a traços inapagáveis na história da natação lusitana.

Mas é negável, também, que todos devemos rejubilar com o facto. Pelo que ele representa de progresso — de progresso autêntico. Não são já, apenas, os records de iniciados e de principiantes que mudam de dono na tabela, como há alguns anos a esta parte, com viva satisfação e arreigada confiança, vimos exaltando nestas colunas. São-o, também, os máximos absolutos que passam para outras mãos, a demonstrar-nos, por exemplo, que Fernando Madeira é o melhor nadador português de todos os tempos, em 300 e 500 metros-livres. E quem foram os seus antecessores?

Homens da categoria — da real e inultrável categoria — de Mário Simas e Baptista Pereira.

Os feitos de Fernando Madeira ganham, assim, relevo especial. O relevo que lhes advem precisamente do valor dos recordistas destronados.

Mas, Fernando Madeira não está só. A seu lado, Eduardo Murta Barbeiro segue-lhe as pisadas. Barbeiro é, com efeito, o mais completo nadador português de todos os tempos.

E, por outro lado, se atentarmos nos «segundos planos» — digamos assim por comodidade — dado que muitos deles superam as marcas de campeões de há relativamente poucos anos, o progresso é, também, evidente e consolador. No seu conjunto, isto é, quanto a homogeneidade, o Algés e Dafundo possui a sua melhor equipa de sempre.

Há, sem dúvida, uma geração que se afirma. Que se afirma de maneira convincente, de forma a poder-se-lhe augurar largo futuro. E porque se trata, na realidade, de nadadores bem preparados, com escola e nível técnico de boa eraveira, talvez não seja ousado prever que, no decurso da temporada, a queda de records continue.

ABREU TORRES

Os portugueses em Bruxelas

podem figurar honrosamente

COMEÇARAM hoje em Bruxelas os Campeonatos da Europa de atletismo, aos quais Portugal concorre com três atletas (ignoramos ainda ao escrever estas linhas a situação de Matos Fernandes, que oxalá tenha logrado classificação) sobre cujas possibilidades vamos dar um parecer pessoal.

Tomaz Paquete correrá hoje as eliminatórias dos 100 m. e, se for apurado, amanhã as finais. Sem levar em consideração as suas últimas provas dos Nacionais, que modificariam por completo o programa, julgamos o Paquete dos 106 s., do Lisboa-Madrid e dos Regionais, meio-finalista na Bélgica e, depois, conforme a sorte o ajudar.

Os 105 s. europeus da actual e passada temporada foram: o inglês Wilkinson, o francês Bally o islandês Thorvaldson, o holandês Lammers e os russos Sanadze e Sukharej, mas os tempos neste país não são de confiar, segundo lemos em «L'Equipe». Registaram-se ainda uma dezena de marcas de 106 s. Não é muito e, com este lote restrito, o nosso corredor pode ombrear com galhardia. Resta o problema da sua condição actual, que encaramos com reserva.

Luís Alcide terá, hoje, também tarefa difícil no triplo-salto; o grande favorito, o russo Tcherbakov, alcançou há três semanas, 15 m. 70. Em seguida encontram-se: outro russo, Sambribat, 15 m. 01; o finlandês Rentio com 14 m. 83 e o austriaco Wurth, 14 m. 50. Com marcas da época passada não confirmadas este ano, o sueco Moberg, 15 m. 15; o turco Siralp, 15 m. 07; o dinamarquês Larsen, 15 m. 03 e o campeão olímpico Ahman, 15 m. 33. Se tiver tarde de boa disposição, Alcide, classificar-se-á entre os 10 primeiros, o que será muito bom, entre o 5.º e 8.º, o que será ótimo.

Alvaro Dias (provas na sexta-feira e no sábado) é, dos três, o que tem melhores possibilidades. As maiores marcas do ano, de que temos conhecimento, são 7 m. 44 do polaco Adamczyk, 7 m. 43 do francês Faucher e 7,38 do holandês Wessels; seguem-se 7 m. 31 do húngaro Földessy, 7 m. 29 do inglês Askew, 7 m. 27 do checo Fekyng e 7 m. 24 do islandês Bryngerson e do jugoslavo Brned.

Vista assim a situação, considerando a regularidade do nosso campeão, Alvaro Dias cabe entre os cinco primeiros do campeonato e todas as esperanças são permitidas.

SALAZAR CARREIRA

UNIÃO CICLISTA DA BEIRA

DE MOURINHA & IRMÃO COM

Casa de Bicicletas, Reparações, Acessórios e Pintura

Soldas a Autogénio e Electrogénio, Vulcanização e Rechapagem de pneus de Automóvel e de Bicicletas

Rua da Sé, 37

CASTELO BRANCO

Manuel Celestino Augusto Escarduca

Mercadorias, Cereais, Azeite, Carnes fumadas e Louça esmaltada

Rua Vitorino de Almada, 29 A 29-B

Telefone 142

ELVAS

O Clube Sportivo de Pedrouços

comemorou, com brilho, 31 anos de existência

FUNDADO a 14 de Agosto de 1919, o Clube Sportivo de Pedrouços — uma das mais típicas colectividades lisboetas — acaba de comemorar com assinalado brilho mais um aniversário — o trigésimo primeiro.

Agremiação fundamentalmente dedicada à natação, modalidade a que tem dedicado a melhor atenção e o melhor carinho, o Pedrouços de há muito se guindou neste desporto a posição de indiscutível relevo.

Nadadores de real valia — nomes grandes da natação portuguesa — como Luís Alves Miguel, Henrique José Maria, Carlos Branco, Luís António Rosa, dr. Alberto Murinelo, Maria Helena Martins e tantos outros, correram em representação do Pedrouços, vencendo provas famosas, colleccionando títulos e campeonatos.

Além disso, em anos sucessivos, numa cruzada a todos os títulos meritória, o Pedrouços tem cuidado desveladamente do ensino da natação. E das suas «escolas» saem, periodicamente, dezenas e dezenas de pessoas familiarizadas com os segredos da natação.

Com um passado a todos os títulos glorioso — no fundo, a melhor garantia do seu futuro — o Pedrouços não podia, realmente, deixar de assinalar a passagem de mais um aniversário. E assinalou-o, com efeito, da melhor maneira: promovendo a IX Pequena Travessia de Lisboa — a que já nos referimos — levando a efeito na sua piscina um interessante festival de natação e reunindo, por fim, num banquete de confraternização, dirigentes, atletas e associados.

TAÇA "FIRMINO MARTINS"

Resultou magnífico o festival de natação realizado na piscina de «Luís Alves Miguel» e dotado com o troféu «Firmino Martins». Assistência numerosa, provas bem disputadas e resultados técnicos dignos de relevo, num programa totalmente preenchido com provas de estafetas.

Começamos pelos recordes. A equipa do Algés e Dafundo de 3 x 50 metros, estilos, iniciados, composta por Agostinho Janeiro, Fernando Trovão e Américo Machado, estabeleceu o recorde desta prova, fixando-o em 1 m. 59 s..

Por seu turno, o elenco de principiantes do Estoril-Praia — Luís Costa, Vasco Ribeiro e José Domingues — igualmente estabeleceu, para idêntica prova, o respectivo recorde, com a marca de 1 m. 50 s..

Na estafeta de 3 x 50 metros-livres, juniores, Fernando Madeira, primeiro elemento da equipa do Algés, vencedora da prova, cobriu o percurso em 29,4 s. — «tempo» que fica constituindo recorde nacional de juniores de 50 metros-livres.

A equipa do Algés e Dafundo, composta por Eurico Surgey, José Borja e Fernando Madeira, buizou para 1 m. 40,2 s., o recorde da estafeta de 3 x 50 metros, estilos, juniores, que pertence ao Estoril Praia, com o

«tempo» de 1 m. 43,9 s., e datava de 12 de Agosto de 1946.

Anoto-se, ainda, que na estafeta de 3 x 50 metros, estilos, seniores, o Algés e Dafundo — Vale, Xeira e Patrone — creditando-se de 1 m. 39,6 s., rondou o respectivo recorde, fixado em 1 m. 39 s..

O Algés venceu dez das onze provas disputadas, e a classificação para a taça «Firmino Martins» ficou ordenada como segue:

1.º, Algés, 53 pontos; 2.º Nacional, 34; 3.º, Pedrouços, 34; 4.º, Estoril, 23; 5.º, Belenenses, 19. O Nacional beneficiou de maior número de segundos lugares — três — contra dois do Pedrouços.

ABREU TORRES

BIBLIOGRAFIA

“VOLEIBOL” por Sousa Martins e M. Camacho Lúcio

O incremento e progresso constantes que o voleibol tem adquirido em Portugal, jogo desportivo básico nas actividades da Mocidade Portuguesa, praticado em muitas dezenas de clubes espalhados por todo o país, no exército e pelos grupos de trabalhadores da F. N. A. T., abrangendo sem exagero cerca de meia centena de milhares de cultivadores, justifica a elaboração de um livro onde sejam analisadas e explicadas a técnica e a tática modernas do excelente jogo.

Sousa Martins e Camacho Lúcio, dirigentes com larga folha de serviços, meteram mãos à obra e estão de parabéns; o seu livro «Voleibol», que acabamos de receber é um precioso manual de estudo, rico em ensinamentos, que vem prestar à divulgação da modalidade um considerável impulso.

Devem-no ler todos quantos se interessam pelo voleibol, com o mesmo interesse com que o fizemos e na certeza de proveitoso emprego da atenção.

Se a parte referente à técnica, pela simplicidade e clareza de exposição, corresponde em absoluto aos propósitos dos autores, a parte do livro que se ocupa da tática de jogo é, sem dúvida, a mais importante, aquela que merecerá a jogadores e orientadores mais cuidadosa observação. O voleibol actual não é um jogo de improvisação, de iniciativa individual; as jogadas, a sequência de manobras de ataque e defesa, estudam-se e combinam-se previamente com o conhecimento profundo das condições de acção e contra-acção. Nas páginas deste livro se encontram os elementos necessários à compreensão e elaboração dos planos que fazem de seis jogadores reunidos uma verdadeira equipa.

Depois do capítulo reservado às directivas e normas de treino, o livro termina pela inclusão das Regras oficiais.

JOSÉ DE EÇA

R U G B I

Apontamentos técnicos. III — Manejo da bola

A faculdade de segurar e transportar a bola nas mãos é a característica essencial do jogo de futebol «rugby», assim designado por haver sido praticado pela primeira vez na Universidade inglesa da cidade de «Rugby».

Compreende-se, pois, a importância que toma, para o decurso das várias jogadas, a forma como são executadas as passagens da bola de mão para mão e a necessidade de meticulosa aprendizagem, por parte de todos os jogadores, da maneira de receber, colher ou transmitir a bola.

O jogo de mãos é, de todos os recursos utilizáveis, o mais eficaz para assegurar o êxito de uma ofensiva, bem como aquele que maior beleza espectacular empresta ao jogo.

Recepção da bola: a conjugação das diversas fases de jogo com a posição ocupada pelo jogador no desenrolar da jogada, levam-no a receber, colher e dominar a bola em condições várias.

1.º — Recepção da bola vinda por alto e de frente: fixar a vista na bola; esperá-la descontraindo, braços estendidos sem rigidez, palmas das mãos viradas para cima e dedos afastados; iniciar o recuo dos braços, simultaneamente com ligeira flexão do tronco à frente, antes ainda do contacto imediato da bola, para amortecer o choque; quando a bola entrou em contacto com as mãos, puxá-la rapidamente para a região gástrica, mantendo os cotovelos unidos ao tronco, que assentua a flexão anterior; no final, a bola fica encaixada na concavidade limitada pelo tronco, braços e coxas, tendo o abdome por fundo. Tomar logo de seguida posição favorável ao passe ou ao pontapé.

2.º — Recepção em corrida: a técnica é a mesma, devendo observar-se atentamente a trajectória da bola e calcular o provável ponto de queda, para a esperar nas condições mais favoráveis.

3.º — Recepção da bola no solo: O jogador, em corrida para ou perseguindo a bola, flecte o tronco à frente, os braços pendentes adiante; colhe a bola por baixo com as palmas das mãos viradas uma para a outra e levanta-se progressivamente, puxando a bola segura pelas mãos de encontro ao tronco. A execução desta manobra em plena corrida requer cuidadosa preparação e não é fácil.

4.º — Recepção da bola no ressalto: o sistema de recepção é sempre idêntico, mas neste caso muito contingente, pois o ressalto da bola é irregular; a atenção fixada na posição da bola pode dar a previsão do seu mais provável ressalto.

5.º — Recepção por passagem à mão: seguir atentamente as mãos do companheiro portador da bola e, quando ele a lançar, colhê-la entre as mãos e puxando-a sempre, para maior segurança, de encontro ao corpo.

A boa recepção, nestes casos, depende da maneira como é executada a passagem: bola segura pelas duas mãos em oposição, eixo maior no sentido dos antebraços, as palmas e os dedos afastados aplicando-se sem rigidez, mas perfeitamente, ao contorno da bola.

Fixar a vista no destinatário da passagem, sem abrandar a velocidade de corrida. Executar o movimento de projecção da bola em apoio sobre o pé exterior (pé direito se o passe se destina à esquerda); braços puxados à direita, rotação do tronco à esquerda, flectindo ligeiramente o busto e projecção da bola por impulso paralelo dos dois braços estendidos na direcção da cintura do destinatário.

Emprega-se por vezes, o que não pode ser admitido como regra mas sim e apenas como recurso, a passagem da bola com uma só mão.

O jogador que espera pelo passe deve cuidar de se não manter demasiado distante do portador da bola, conservando-se atrás em relação a ele para evitar a passagem adiantada e, ainda, para poder aumentar a velocidade da corrida logo que a bola lhe for lançada. Por seu lado, o transmissor da bola deve cuidar de enviá-la um pouco mais à frente do que a posição do destinatário.

A técnica da passagem deve ser ensaiada correndo em velocidade; sendo o objectivo do ataque por passes à mão, pôr em cheque a defesa contrária procurando que a bola chegue em poder de um último jogador desmarcado, é evidente que a lentidão na sequência das transmissões determinará a possibilidade, para qualquer adversário já ultrapassado, de recuar para um posto efectivo na defesa.

SALAZAR CARREIRA

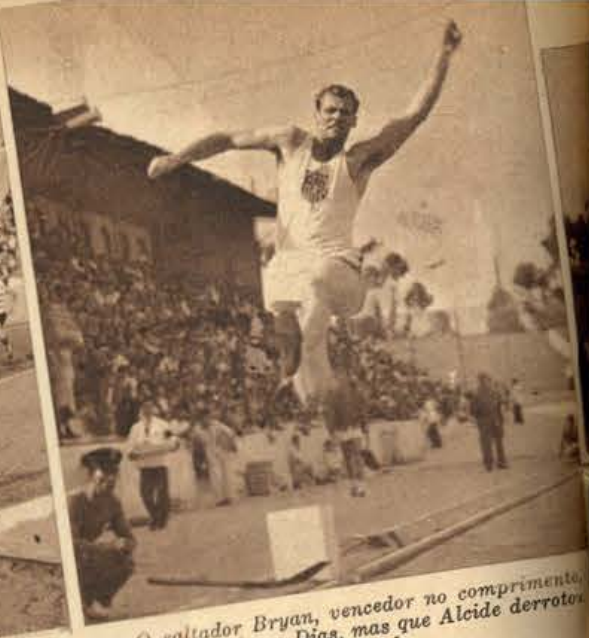
ROUPARIA ROGER
FAZENDAS, ROUPARIA E MIUDEZAS
ROGÉRIO F. ORTIGÃO
Telefone 2803 152, Rua Direita, 158
V I S E U



Hart, vencedor dos 3000 m., foge para a meta perseguido por Branco (só se lhe vê uma perna) e Lourenço



Nos 800 m. Jacobs foi sempre à cabeça, deslocando dos portugueses, que Gonçalves comanda



O saltador Bryan, vencedor no comprimento, ausente Alvaro Dias, mas que Alcide derrotou no triplo



Dick Hart, sem grande esforço, vence também os 1500 m., em tempo modesto



Gordien, este ano, ficou longe do seu recorde mundial da visita em 1949



A equipa do Benfica, vencedora da estafeta 4 x 100 m.



Gordien, vencedor também do peso, sem grande relevo

os Americanos de 1950 NÃO VALERAM OS DE 1949

CRÔNICA DE SALAZAR CARREIRA



A primeira passagem de testemunho na estafeta 4 x 100 m.; Sporting e Benfica precedem os americanos

A louvável iniciativa do Sporting e Benfica, trazendo novamente a Lisboa um grupo de afamados atletas americanos, era digna de melhor sorte. Em boa verdade, dos interessados organização, ninguém soube corresponder ao sacrifício dos dois grandes clubes americanos, limitando-se alguns a aparecer em tempos modestos; o público, que sempre se dignaram aparecer, retirando interesse à competição e contribuindo lamentavelmente para o descrédito da modalidade do espírito dos assistentes.

O que se passou com os 400 m., por exemplo, parece-nos indecoroso; pior ainda estarem presentes na bancada aquando da competição, tinham obrigação de comparecer na pista.

(Continua na p. 11)



A partida dos 100 m.; no primeiro plano, Campbell, o vencedor



Heinzman, pouco feliz, derruba a barra num ensaio a 1^o.92



A primeira barreira dos 110 metros; o vencedor, Grieve, é o segundo a contar da direita



Rasmussen, campeão dos Estados Unidos, transpõe, 4^o.05 com a vara



Manuel da Silva, campeão nacional do peso, numa tentativa em má posição



Noronha Feio, saltando 1^o.75 foi o melhor dos portugueses



Outra fase do salto de Rasmussen

NO DECORRER DAS PROVAS..

- 1— Os americanos, com alguns dos nossos atletas presentes no torneio
- 2— Heintzman e Noronha Feio, trocam impressões técnicas
- 3— Os americanos, apresentados ao público
- 4— Os cronometristas verificam um tempo difícil...
- 5— No intervalo entre as suas provas, os americanos descansam sobre a relva

FLAGRANTES

Uma derrota impressionante

O grupo de honra do S. L. Benfica, vencedor de quantas provas se realizaram no nosso País no ano santo, vencedor, também, da Taça Latina, depois de uma final que se tem como a mais poderosa prova de futebol que em Portugal se tem assistido, foi à África do Sul, com um séquito de admiradores que partira com ele de Lourenço Marques, buscar uma derrota que, por expressiva, impressionou fortemente os desportistas e os meios a eles chegados. Evidentemente, não seremos nós quem virá tirar da derrota ilacções ou menos justas ou menos sensatas.

Perder, em desporto, é acontecimento que pode dar-se com o mais qualificado. Mas a aureola com que o Benfica partiu de Lourenço Marques e, sobretudo, a adoração com que os laurentinos receberam a equipa continental recheada de títulos e de glórias, pesou, negramente, na forma como essa derrota foi entendida.

Os grupos de selecção de Lourenço Marques estão habituados a manter uma rivalidade desportiva com os sul-africanos que se cataloga numa perfeita igualdade de forças. O Benfica, com todos os seus títulos, foi colher à próspera nação africana uma derrota imprevisível e desusadamente pesada.

Os americanos estiveram em Lisboa

Os portentosos americanos que já no ano anterior nos deliciarão com os primeiros da sua preparação atlética voltaram de novo a Portugal para demonstrar a superioridade que os distingue no meio desportivo. Os portugueses, com todos os progressos que lhes são atribuídos não puderam competir com tão brilhantes atletas. Ficou-lhes, apenas, a esperança de realizar trabalho durado e em profundidade que dê aos vindouros a possibilidade de competir com os famosos americanos.

A grande nação americana, com pouco mais de um século de vida de convívio com as outras, suas iguais, não esquece que os povos vigorosos é que possibilitam a criação dos grandes agregados nacionais. É porque tem essa certeza, o povo americano não descarta a sua preparação física, lançando-se na árdua luta internacional com todo o vigor dos seus filhos. A grande lição dos americanos precisa de ser aprendida por outros povos que, ingloriamente, adormeceram nas tradições com que a história os soleniza. — M. S.

crónica de futebol para interessar o leitor e definir o jornalista, precisa de ser aligeirada pelo estilo, por um pouco de «romances», por um comentário sorridente. É necessário que o leitor viva o acontecimento sem se fatigar, ficando com disposição para ler os outros artigos do jornal...

Mais uma vez interrompemos. — Qual o teu conceito do jornalismo aplicado ao desporto?

— O desporto não poderia viver sem os jornais desportivos. E a influência que o jornalismo tem tido no desenvolvimento do desporto em Portugal é inofensível. Há, no entanto, ainda muita coisa, para fazer. Embora os jornais laborem dedicadamente no sentido de educar, aperfeiçoar, desenvolver, surgem de vez em vez, pequenos atritos, sobretudo porque o capítulo da educação geral não está completamente preenchido.

...NA CARREIRA DOS ATLETAS

Uma pergunta puxa outra.

— O jornalista tem influência na carreira dos atletas?

— Quase sempre decisivamente. Mas há atletas que não compreendem assim, julgando, antes, que o crítico é um inimigo e que sem eles o jornalista nada seria. A ideia desses atletas é errada. O jornalista «faz» o atleta, eleva-o junto do público e quando o censura é na melhor das intenções. Às vezes o atleta não é verdadeiramente o culpado, mas sim aqueles «amigos dos diabos», que adoram andar de braço dado com eles... enquanto estão em foco.

PARADA DE GLÓRIAS DESPORTIVAS

— Na parte que te respeita, podes citar nomes de alguns a quem tenhas ajudado na sua carreira?

— Creio que tenho ajudado vários, e não estou arrependido, embora alguns não tenham compreendido quanto me devem. De um modo geral na minha vida de jornalista tenho encontrado a maior correcção da parte dos atletas, mas já que a ocasião se apresenta quero salientar alguns nomes, que reputo, como padrões de apuro e de correcção.

«Jorge Vieira, Augusto Silva, Tamarqueiro, Jaime Gonçalves, José Pimenta, Alberto Augusto, Vítor Gonçalves, na falange antiga; Manuel Marques (Manecas), Soeiro, Travaços, Azevedo, Rogério, Julinho, Feliciano, Francisco Ferreira, Rosário, Valongo, Virgílio, Barrosa, Veríssimo, Canário, Cabrita, na falange moderna, entre os jogadores de futebol. Flaviano Monteiro, José Garnel, Feliciano Gonçalves, Alfredo Silveira, Sobral Dias, dr. António Martins, António Rendas, Mário Porto, Sarsfield, Arnaldo Sousa, Sampaio Peixoto, Glória Alves, Barreiros Gomes, Espírito Santo, Martins Vieira,

O jornalista ALBERTO FREITAS

quere um dia ir ao Brasil para lá ficar... e afirma que o jornalismo desportivo é o mais difícil de todos

(Continuação da pág. 5)

Cecílio Costa, Francisco Bastos, Ricardo Durão e outros mais, entre os praticantes de atletismo, devem apontar-se como modelos de apuro em face do jornalista.

— Acerca de polémicas...

— Tenho tido poucas felicidades, — disse-nos Alberto Freitas interrompendo-nos. E acrescentou:

— ...porque é um género que não me seduz, visto o julgar destrutivo na generalidade. As que tive encontraram ponto de partida numa destas três verdades por parte do meu contendor: — desejo de fazer vangloriar um ponto de vista dogmático, despeito mal contido ou ambição de saliência.

O JORNALISMO DESPORTIVO ACTUAL E OS SEUS VALORES

— Haverá crise de valores no jornalismo desportivo?

— Penso que hoje qualquer se faz jornalista com demasiada facilidade. Toda a gente sabe escrever e todos conhecem o desporto. Eu tenho vinte e sete anos de jornalista e nunca estou contente com o que sei. Procuro documentar-me sempre mais e gasto muito dinheiro em livros, cada vez que vou ao estrangeiro, regresso com um carregamento. Não sou contra a gente nova, pois considero indispensável a renovação dos quadros em qualquer actividade, mas sou adversário da gente nova pretenciosa, da que chega e assume ares de d'Artagnan ou D. Quixote, da que grita a plenos pulmões que ela representa a mais fina essência da sabedoria e da competência e que os «outros» nada sabem.

Aguardámo-uns segundos.

— Um jornalista brasileiro, — prosseguiu, disse-me um dia que Portugal tem um quadro de jornalistas desportivos que o torna campeão do mundo. Assim é.

«Raúl Oliveira, Ricardo Ornelas, Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis, Tavares da Silva, Salazar Carreira, Rebelo da Silva, Mário de Oliveira, Neves Reis, António Sequeira, na falange «antiga»; Manuel Mota, Alberto Valente, Gualter Oliveira, Lança Moreira, Alves dos Santos, Adriano Peixoto e tu na falange «intermédia»; Carlos Pinhão, Aurélio Márcio, Monteiro

Poças, Afonso de Lacerda, Vasco Rocha e Edmundo Tagarro, na falange «mais nova» são nomes de incontestável valor.

O PANORAMA DO DESPORTO PORTUGUÊS

Só mais duas perguntas, tem paciência.

— Das tuas funções de jornalista e de técnico nunca resultou incompatibilidade?

— Nunca! — foi a resposta imediata. Nunca me importei que dissessem ter determinada opinião porque desempenho funções técnicas junto deste ou daquele clube, deste ou daquele atleta. Tenho a minha consciência e ela me guia. Se os factos me convencerem de que devo elogiar, elogio, mas se me mostram que devo censurar, não hesito, mesmo que se trate de alguma actividade em que tenha directa interferência. Tenho a franqueza de dizer afoitamente o que sinto, o que entre nós é... um mal.

— Como encaras o panorama desportivo?

— Com optimismo, — asseverou. Por indole, sou um optimista. Mas, descontento isto, creio no progresso geral do nosso desporto. Se bem que mais se pudesse conseguir, tal não é viável enquanto prevalecer entre nós o pessoalismo, enquanto o clubismo imperar, enquanto os ambiciosos tiverem campo de acção propício e, para não ir mais longe, enquanto o compadrio for uma das bases do nosso desporto!

PITTA CASTELEJO

Na entrevista que publicámos com Ricardo Ornelas, verificaram-se, devido a saltos tipográficos, duas omissões, que hoje damos a lume, para que o sentido do que se escreveu, não fique deturpado. Assim:

No que se refere ao jornalista Alves dos Santos, R. O. disse-nos que o «Diário Popular» o tinha revelado ao público de Lisboa, pois ele já no «Comércio do Porto» vinha fazendo há alguns anos excelentes comentários das jornadas da bola.

Na parte respeitante à acção da imprensa, faltou este período:

«Vem a propósito dizer que acho curioso o lugar comum das saudações habituais feitas pelos clubes à imprensa, especialmente à desportiva».

Este especialmente é tão escusado como injusto, se atentarmos no somatório de trabalho em quantidade dos que trabalham nos jornais diários e ao carácter genérico dos assuntos que a estes compete publicar.

Do lapso pedimos desculpa aos nossos estimados leitores.

P. C.

RÁDIO CONTRÔLE

LABORATÓRIOS DE RADIOELECTROTECNIA

(ARMANDO S. FERREIRA)

ESPECIALISTAS NA INDÚSTRIA RADIOELÉCTRICA

Reparações — Construções — Montagens

Receptores — Equipamentos sonoros-intercomunicadores

Emissores — Electromedicina — Autorádio

RUA DR. SOUSA MARTINS, 33-35

Telefone 41752 — LISBOA

RESTAURANTE E PENSÃO

REGIONAL

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

com SECÇÃO DE MARISCOS

ÓTIMOS QUARTOS

Rua de Boça, n.º 5 e 7 • Telefone 2456 • SETÚBAL

SPORTING

Clube Olhanense

NÃO se pode censurar o «conze» olhanense só porque a sua classificação foi a 9.ª da tabela, o que, aparentemente está em desacordo com as possibilidades que demonstrou.

Na realidade, porém, o Olhanense fez tantos pontos como o 7.º classificado e não será um sistema de desempate de certo modo discutível que virá roubar o mérito da sua actuação.

Enquadrado no núcleo de equipas que prefizeram também 24 pontos — Académica e Braga — o Olhanense poderia, como qualquer das outras da sua igualha, ficar um pouco mais acima.

Há talvez meia dúzia de equipas da Província de valor muito equilibrado. Um ponto a mais ou a menos pouco diz. Serve apenas para escalonar os concorrentes, sem olhar a valias. Entre o Sporting da Covilhã — o 6.º classificado — e o Olhanense — em 9.º — há apenas um ponto de diferença. O próprio Belenenses, que penosamente se içou ao 4.º posto, conta apenas três pontos de vantagem sobre os campeões algarvios.

Por isso não podemos criticar ou menosprezar a classificação do Olhanense no Campeonato de 1949-50.

Estadística

O Sporting C. Olhanense ingressou na I Divisão há nove épocas — em 1941-42.

De então para cá a sua actuação tem variado. Uma vez 4.º classificado, duas vezes 5.º e uma vez 6.º, duas em 7.º, uma vez em

8.º, e outra em 11.º e agora em 9.º.

Nove anos de I Divisão significam 202 desafios. Os olhanenses ganharam 77, empataram 34 e perderam 91 jogos. A percentagem da pontuação possível é de 46,5 %. Os campeões do Algarve averbaram nestes nove anos de competição máxima, 473 golos marcados contra 496 sofridos. Em cada época, a sua melhor marca foi a seguinte:

1941-42 (8.º classificado) — 5-1 (Carcavelinhos) e 6-2 (V. Guimarães).

1942-43 (5.º class.) — 5-1 (U. Barreiro) e 6-2 (Académica); 1943-44 (5.º class.) — 8-0 (V. Setúbal); 1944-45 (7.º class.) — 8-4 (Académica); 1945-46 (4.º class.) — 8-1 (Elvas e Oliveirense); 1946-47 (6.º class.) — 12-0 (Académica); 1947-48 (11.º class.) — 5-0 (Guimarães e Boavista); 1948-49 (7.º class.) — 10-3 (Boavista) e 1949-50: 6-1, contra... o F. C. Porto!

No Campeonato findo, o Olhanense alcançou 8 vitórias (duas delas «fora de casa»), 8 empates (recorde do torneio igualado com Atlético e Académica), e 10 derrotas. Marcaram 48 golos e sofreram 57 (em ambos os casos, 8.ª classificadas nesse capítulo).

Eminência foi o melhor marcador da equipa e o 8.º do Campeonato.

Os tentos do Olhanense foram marcados por intermédio de Eminência 15; Cabrita 11; João da Palma 10; Soares 6; Salvador e Acácio, 2; J. Paulo e Arménio, 1.

VITÓRIA

F. Clube de Setúbal

A carreira do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, no Campeonato Nacional de futebol da I Divisão tem sido notoriamente irregular, tanto na participação como nas classificações.

Os setubalenses concorrem desde o primeiro ano das Ligas (que temos contado como equivalente à I Divisão actual), mas falharam em três anos. Como se realizaram já, nessa conformidade, 16 torneios, o V. Setúbal disputou 13, averbando três 5.ª lugares, três 7.ª, um 8.ª, três 10.ª um 11.ª e dois 12.ª. Nos últimos quatro anos, as classificações não têm primado pelo destaque.

No conjunto, realizou 262 jogos, ganhando 88, empatando 31 e perdendo 143. Golos: 489 marcados e 717 sofridos. A percentagem da pontuação possível é de 40 %.

Foram os seguintes, os melho-

res resultados dos jogos de cada época:

1934-35 (5.º class.) — 4-1 (União F. L.) e 6-3 (Académico); 1935-36 (5.º class.) — 5-0 (Académica); 1936-37 (7.º class.) — 4-0 (Leixões) — 1939-40 (10.º class. — último) — 2-0 (Académico); 1941-42 (11.º class. penúltimo) — 4-0 (Olhanense); 1943-44 (7.º class.) — 8-0 (V. Guimarães); 1944-45 (5.º class.) — 4-1 (Sporting e Salgueiros); 1945-46 (7.º class.) — 5-0 (Elvas e Boavista); 1946-47 (12.º class. — antepenúltimo) 7-0 (Elvas); 1947-48 (10.º class.) 4-1 (Académica, nos dois jogos); 1948-49 (12.º class. — antepenúltimo) — 5-0 (Boavista); e 1949-50 (10.º class.) — 4-0 («O Elvas»).

Os setubalenses na época passada

O Vitória de Setúbal classificou-se isolado em 10.º lugar no Campeonato findo, com 23 pontos.

Em relação há época anterior, subiram dois «furos» na tabela da classificação geral, e progredindo ainda no capítulo de resultados e golos marcados.

Este progresso não se expressa só em números. Sob o ponto de vista técnico, o «conze» valorizou-se. Pode mesmo ir até bastante mais longe. A próxima época no-lo dirá...

Não é uma questão de palpite. A nossa previsão baseia-se nos reforços juvenis que o «conze» recebeu, o que uma vez «aclimatados» e sob uma adequada orientação técnica, produzirão logicamente os seus frutos.

Não vale a pena citar nomes. A equipa vale pela unidade dos seus elementos, e será tanto mais

forte, quanto mais vincada for a homogenia do «conze».

No campeonato a que nos reportamos, o Vitória de Setúbal teve saídas boas e más, como ir ao Estoril bater a turma da Costa do Sol por 5-2 e ir ao Porto perder por 8-0!...

Em matéria de golos, os setubalenses mostraram agora predilecção por números redondos: 50-70.

Essa meia centena de tentos foi apontada pelos seguintes jogadores: Inácio 10; Vasco e Nunes 9; Cardoso Pereira 6; Ataz 5; Campos e Fontes, 4; Domingos, Rendas e Pina, 1, (e Eloi (Esto.) na própria baliza.

VASCO C. SANTOS

O futebol português

progredir técnica e taticamente — afirma o treinador PEICS

(Continuação da pág. 4)

fama mundial, quer em representação dos seus países, quer em defesa das cores clubistas. Como é óbvio, nomes há que já galgaram fronteiras e cujo concurso tem sido desejado veementemente. Prova indubitável de que em Portugal há jogadores de comprovado mérito e que seriam estrelas brilhantes no firmamento do futebol internacional se pudessem aperfeiçoar-se em meio propício. Orgulho-me de muitos deles já terem sido meus pupilos e de, ordeiramente, me terem sabido compreender e respeitar.

Já tem planos formados com vista à preparação da turma elvense, — perguntámos.

Ainda é cedo para o esclarecer. Os planos surgem após o contacto com o jogador, pois é hábito meu estudar primeiro as características pessoais, a tendência, o que de bom e aproveitável revela e o que de mau e prejudicial demonstra, durante os primeiros treinos. Depois de colhidos estes elementos, basilares para um trabalho consciente, traço então um esquema de preparação, conducente com as qualidades pessoais, mas com vista às necessidades vitais da equipa, que deve carregar sem atritos, numa associação de esforços que a imponham como uma peça sólida e não como um todo aparentemente resistente, mas na realidade fragmentado porque as onze peças não estão devidamente sincronizadas por forma a tirar o máximo rendimento da sua eficiência. Espero que a minha missão esteja facilitada pela boa vontade dos atletas, que tudo farão para que «O Elvas» volte a desfrutar da posição que já teve. Além dos jogadores que se conservaram fiéis, e que conheço relativamente, outros novos se juntarão. Se não foram levanias as informações que me prestaram, podemos contar com um guarda-redes espanhol, elemento de futuro e já com acentuado valor, com Barra, outro espanhol do Real de Madrid, que alinhará a meio direito e, ainda com Germano, extremo esquerdo, que na época finda representou o Lusitano, de Vila Real de Santo António. O meu maior desejo e as-

piração, nesta cruzada que vai começar: trazer à I Divisão os elvenses, que foram de facto infelizes, porquanto outros clubes de menor valor ficaram, enquanto ele foi obrigado a descer uns degraus. Contingências, afinal, do próprio desporto, sempre incerteza, sempre uma incógnita.

— Fixar-se-á, em Portugal ou...

— Espero continuar entre vós. Embora recorde com nostalgia a minha pátria distante, amo a vossa terra e gosto de cá estar. O vosso povo é simplesmente encantador e os desportistas, em especial, muito gentis. Passei já por várias nações, entre elas a Itália, Suíça e França. Treinei vários clubes e fui jogador também. Ainda sou novo e a vida é longa.

Última declaração: — Aproveitando a sua gentileza, saúdo todos os desportistas portugueses, por intermédio da «Stadium», apresentando-lhe os meus melhores e mais profundos agradecimentos pelas considerações dispensadas.

PITA CASTELEJO

Precisa dum carro?
Comp'e um AUSTIN
que compra bem



AUSTIN A 40

Distribuidores gerais:

J. J. Gonçalves Sucrs.

LISBOA — PORTO

Agentes em todos os Distritos



RAÚL ALEIXO (MANERO) jogador vindo do Lusitano e que deseja progredir no Benfica

A quinze dias, ou pouco menos, da abertura da época futebolística 1950-51, o «apetite» dos curiosos concentra-se avidamente sobre as notícias das aquisições que os seus clubes tenham feito, e ei-los que, depois, aguardam impacientemente o primeiro dia de futebol, para verem em acção as táticas que os mestres de pesca lançarão no mercado.

Na parte que respeita ao Sport Lisboa e Benfica, poucas «novidades» há para apresentar. Dois ou três elementos jovens, ainda inexperientes, e um outro sobre quem recaíram variadíssimas atenções. Este, é o que vamos apresentar aos nossos leitores através de uma curta conversa, que mantivemos com ele, entre dois goles de café, no bar-restaurante do popular clube dos encarnados.

Raúl das Dores Palma Aleixo — assim se chama o novo *recruta* do Benfica. Entretanto, este nome talvez nada signifique para os nossos leitores. Pelo menos para aqueles que sabem de cor os dos titulares de todas as equipas da I Divisão. Mas se dissermos que conversámos com o MANERO, então o caso muda de figura, pois muitos hão-de ser os que imediatamente dirão: — Bem sei. Era o interior esquerdo do Lusitano.

Manero pode vir a ser alguém no futebol nacional. Além de possuir boas qualidades para a prática de tal desporto, e de ir encontrar um mestre que servirá bem para o desenvolvimento dessas qualidades, o nosso entrevistado de hoje entra para o Benfica na ocasião que mais poderia ambicionar, pois é sabido que o clube do Campo Grande continua sem ter resolvido, ainda, o problema do interior esquerdo ideal para formar asa com Rogério, e o caminho está aberto para quem saiba caminhar nele com segurança.

Nada nos admirará, portanto, se daqui por duas ou três épocas houver um nome a fixar melhor, quanto a candidatos ao «estrelato» do futebol. E sinceramente dizemos que folgamos imenso se isso se verificar.

Por agora, limitamo-nos a reproduzir a nossa conversa:

— Está satisfeito por ir alinhar no Benfica?

— Evidentemente que sim. Não mudarei de camisola, visto o Lusitano ser uma «delegação» do Benfica, e satisfação uma velha aspiração.

— Velha?!?

— Compreendo a sua surpresa. Parece mentira, na verdade, que quem vai ainda a caminho dos 23 anos — completo-os em 29 de Novembro — já tenha aspirações «velhas». E, contudo, nada é mais verdadeiro, pois sou benfiquista desde os 7 anos de idade, que foi quando comeci a dar pontapés numa «bola de trapos», e a fazer parte de equipas de rua, formadas entre adeptos do Benfica e do Sporting.

— Nasceu em Vila Real de Santo António?

— Criei-me lá, mas sou alentejano. Nasci em Beja.

— Onde vem o facto de lhe chamarem Manero?

— É o apelido de meu pai, e toda a gente me conhece assim, desde criança.

— Onde começou a jogar?

— Em Vila Real de Santo António. Era «fidelho», tinha apenas 14 anos, quando alinhei no Atlético Clube daquela localidade, uma «apresentação» popular. Mais tarde, em 1948, fui levado para o Lusitano, e joguei nos «juniores». No ano seguinte, estava na categoria de honra.

— Gostava de alinhar no Lusitano?

— Vestia uma camisola «à Benfiquista», e isso enchia-me de orgulho.

— Foi tentado por outros clubes?

— Foi, sim. O Sporting Clube de Portugal fez o que pôde para conseguir convencer meu pai. E além desse, o Barreirense e o Desportivo de Beja tam-

Se depender só de mim FIXAR-ME-EI NA CATEGORIA DE HONRA DO BENFICA

— Assim falou MANERO, o novo «recruta» do Benfica, transferido do Lusitano de Vila Real de Santo António

bém pensaram em ter-me nas suas fileiras. Mas sou benfiquista.

— Pensa fixar-se na categoria de «honra» do seu novo clube?

— Se isso depende só de mim, estou convencido de que ganharei direito ao lugar.

A franquesa de Manero estava a agradar-nos. Sem querer — talvez pela simpatia que o seu modo simples conquista — demos connosco a ter «ares protectores». E dissemos-lhe:

— A ocasião para triunfar é esplêndida. Já pensou nisso?

E o Manero respondeu-nos, de escorção nos lábios:

— Pensei nisso, e em outras coisas mais. Pensei, por exemplo, em que há mil e um factores, além da vontade própria do jogador, a decidirem do seu triunfo numa equipa de primeiro plano. Alinhar na principal equipa do Benfica é uma honra tão grande, tão pesada, que necessita muito, além do meu desejo imenso de triunfar, de contar com o apoio da crítica e da massa associativa do meu clube, para poder vencer a timidez que hei-de sentir quando fizer o meu primeiro jogo oficial.

E a concluir:

— Tenho uma ânsia enorme de triunfar, para justificar a honra que me dão. Se triunfar, é o mais feliz dia da minha vida.

— A propósito de dia feliz... Tem alguma recordação agradável na sua carreira?

— Tenho a da vitória sobre o Sporting, por 2-0, no último campeonato nacional.

— E a mais desagradável?

— Foi quando perdemos em Vila Real, por 1-0, com o Braga.

— A que atribui a má época do Lusitano?

— A pouca sorte com que a equipa lutou, agravada ainda pela impossibilidade de Isaurindo e Balbino alinbarem em grande número de desfeitos.

— Pensa que o Lusitano voltará à Divisão maior?

— Gostaria, sinceramente, de que isso sucedesse. Mas parece-me difícil. A saída de grande número dos titulares da equipa, enfraquecerá esta bastante.

Manero estava acompanhado por amigos, durante o tempo em que conversou connosco. E conhece pouco de Lisboa. Tinhamos, por isso, que ser breves. Assim, entramos na girândola final de perguntas.

— Faz outros desportos, além do futebol?

— Gosto muito de natação. E fixo vôleibol. Mas presentemente faço apenas o desporto da minha paixão.

— Quer dizer-nos quais são os jogadores da sua maior simpatia?

— Francisco Ferreira, Moreira, Travasso, Azevedo e Rogério, pela classe que demonstram possuir, são os que mais gosto de ver jogar.

— Que faz, quando não joga?

— Preparo-me para continuar o curso liceal. Nas poucas horas vagas de que disponho, leio tudo quanto se relacione com o futebol, afim de posuir uma bagagem que me permita conhecer bem o desporto da minha paixão.

— Gostaria, nesse caso, de continuar a sua carreira com a internacionalização?

— Se esse é o sonho legítimo de todo o desportista, não parecerá mal que também eu o alimente. Para isso, estudarei muito, procurando seguir todos os ensinamentos que o paciente treinador do Benfica — que me dizem ser uma autoridade — entenda dever ministrarme.

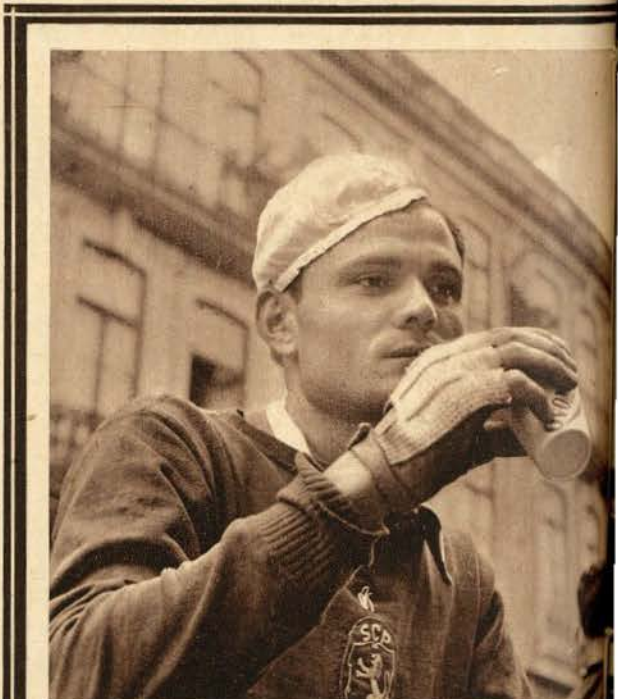
— Para terminar, diga o que pensa do profissionalismo.

— Tanto quanto o posso discutir, acho que é vantajoso para o nosso futebol. O desportista que possa dedicar-se, inteiramente e exclusivamente, à sua preparação, há-de forçosamente suplantar aquele outro que treina a pensar na hora de entrada para o emprego, e que nas suas ocupações profissionais não dispõe de tempo para rever e estudar um tema desenvolvido pelo seu treinador — no campo ou no gabinete.

ROSA DE MATOS



MANERO, após o treino, conversa com outros jogadores. Conversação excelente!



A «Ovomaltine» é a bebida agradável e saborosa que alimenta e fortalece

Julio Maurer

Actualidades Desportivas

A ÉGUA INTERNACIONAL "GAZA" e a sua folha de prémios



Morreu há dias num estúpido acidente ferroviário a égua irlandesa «Gaza», montada da reserva da equipa nacional que seguiu a caminho das Pedras Salgadas, para ali disputar as provas do Concurso Hípico.

Conforme foi noticiado o pavimento do vagão abateu, provocando não só a morte da égua como ferimentos graves no cavalo «Mondogo», ambos entregues ao capitão Fernando Pais com os quais deveria concorrer ao certame de Bilbao.

A «Gaza» que foi adquirida em 1943 e apareceu em público no ano seguinte, tinha uma folha de prémios que, não sendo das mais brilhantes, era, todavia, bastante curiosa.

Escolhida para a equipa nacional tomou parte nos Concursos de Madrid em 1945, montada pelo capitão Reimão Nogueira; 1946, conduzida pelo capitão Guedes de Campos; 1947, entregue ao capitão Henrique Calado; 1948, montada pelo capitão José Carvalhosa e 1949, distribuída ao capitão Fernando Cavaleiro, que com ela disputou também o Concurso de Paris daquele ano.

Obteve além fronteiras onze prémios, tantos quantos fazem parte de uma folha onde brilham 47 classificações, com 28.330 escudos de prémios pecuniários.

Ganhou 10 primeiros lugares, tendo triunfado na «Omnium», de Mafra, com Henrique Calado, na «Taça Carlos Abrantes», montada pelo mesmo oficial e na prova «Torres Novas», conduzida pelo capitão Cavaleiro, isto em 1947.

No ano seguinte este concursista fê-la triunfar nas provas «Estrangeiros» e «Taça de Honra», do Concurso de Mafra, e em 1949 na «Omnium», «Ministério das Finanças» e «Seleção», também no hipódromo do Depósito de Remonta, e na «Caça das Caldas da Rainha».

A sua última vitória obteve-a na «Despedida» do Concurso de Elvas deste ano, montada pelo capitão José Carvalhosa.

Entre as restantes classificações que obteve figuram como mais notáveis os 2.º lugares da «Gañadores», do certame madrileño de 1948, (J. Carvalhosa); da «Caça», de Lisboa, de 1945, (Fernando Pais); da «Prova Estoril» e «Omnium», de Cascais, em 1947 e 1948 (F. Cavaleiro) e ainda da «Santo Condestável», de Évora (J. Carvalhosa), na presente temporada.

A sua primeira classificação de vulto foi obtida no ano do seu aparecimento nas pistas portuguesas com o 2.º lugar na «Taça Farinha Beirão», prova em que demonstrou qualidades que a levaram à reserva da equipa nacional. Montava-a nessa altura o capitão José Carvalhosa que abriu e, por coincidência, encerrou, o «palmarés» da «Gaza». Como última classificação anote-se o 3.º lugar do «Grande Prémios de Coimbra».

Animal bastante nervoso e de temperamento facilmente excitável a «Gaza» morreu com 13 anos, ainda de posse das qualidades que fizeram dela uma montada de obstáculos se não diremos famosa, pelo menos, brilhante. — ANTAS TEIXEIRA

HIPISMO

Uma equipa portuguesa no concurso de Bilbao

Apesar da comparticipação de uma equipa portuguesa no Concurso Hípico Oficial do Rio de Janeiro, o hipismo nacional não deixará de estar presente no certame internacional de Bilbao.

Para isso foi nomeada uma equipa composta por quatro oficiais de cavalaria que serão chefiados pelo major Helder Martins, e que, em representação do nosso hipismo, disputarão naquela cidade espanhola um certame bastante difícil, devido principalmente ao grande número de equipas nele inscritas.

A equipa portuguesa será composta pelos capitães Fernando Cavaleiro, Joviano Ramos, Rangel de Almeida e alferes Neto de Almeida que montarão, respectivamente, os cavalos «Invento» e «Mongua»; «Vouga» e «Furacão»; «Febus» e «Rama»; «Flama» e «Favoritos».

Escusado será enaltecer o valor dos cavaleiros escolhidos todos bem conhecidos nos nossos meios hípico onde têm afirmado possuir magníficas qualidades. Há todavia que registar as estreias como internacionais do capitão Rangel e do alferes Neto de Almeida, que pela primeira vez ocupam lugar na equipa nacional, mercê da maneira como se estão a apresentar nas nossas pistas.

Isto indica que mais um encontro se verificará entre portugueses e espanhóis, desta feita na presença do povo bilbaíno.

Aponte-se como nota curiosa o ingresso de dois cavalos de raça nacional nas equipas portuguesas, facto que já há algum tempo se não registava. Enquanto «Estemido» seguiu para o Rio de Janeiro, «Invento» partiu para Bilbao.

Aos cavaleiros da equipa nacional desejamos uma feliz actuação.



Major Helder Martins



Capitão Fernando Cavaleiro



Alferes Neto de Almeida



Capitão Joviano Ramos



Capitão Rangel de Almeida



...Pinto, hoquista de justificado renome, pronunciou na pretérita semana, na Sociedade de Geografia, uma conferência acerca do último campeonato mundial de patins, tendo o seu interessante trabalho sido justamente apreciado. Por seu turno, a Federação Portuguesa de Patinagem aproveitou a oportunidade para distribuir os prémios aos vencedores dos campeonatos de 1946 a 1949, conforme a nossa foto documenta.



Promovida pela Federação Portuguesa de Natação e pela Associação de Lisboa efectuou-se, no passado sábado, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, sob a presidência do Inspector de Desportos, Ayala Boto, sob a distribuição dos prémios respeitantes à época de 1949. Apresentamos o grupo dos premiados, entre os quais figuram alguns dos melhores nadadores portugueses.

NOTA DA SEMANA

NÃO há como as andanças do tempo para rectificar determinadas opiniões e conceitos, um tanto precipitados. E' o que verificamos, actualmente, com o jogo do boxe e a caça às feras em que o primeiro está em vias de destronar o segundo, na ordem dos desportos capazes de pôr o órgão cardíaco em alvoroço.

Até aqui, uma batida às feras, no Nepal ou no Tanganica, exigia olho de linca e nervos sólidos; por esse motivo a cinegética mereceu o qualificativo de «desporto das grandes coações».

Hoje em dia parece-nos menos apropriado semelhante apêlido, por caber com maior justiça ao duelo de punhos, entre atletas calçados com luvas.

Alguns exemplos consentem a nossa distinção. Mike Jacobs, o célebre empresário americano, teve de retirar-se do negócio (que lhe rendeu vários milhões de dólares) por imposição do médico assistente. Motivo: poupar o abalado músculo cardíaco, evitando emoções violentas.

O falecido James (Jim) Johnston, famoso organizador e apoderado, sucumbiu a um ataque de «angina pectoris», outrotanto sucedendo a Benny Leonard, notabilíssimo ex-campeão de pesos-leves e árbitro novaiorquino.

Agora temos o «manager» de Ezzard Charles, Jake Hintz, a contar com a electrocardio-grafia e zelando pela segurança do seu coração. Para não lhe ficar devendo nada, o pupilo andou retirado das lides, perto de seis mezes, por deficiência do importante centro vital que preside ao funcionamento do sangue.

Por último, encontra-se hospitalizado por molestia cardíaca, o importante secretário do Madison Square Garden, Jim Norris, a quem se deve a conclusão do próximo combate entre os pretos Joe Louis e Ezzard Charles, marcado para o dia 26 de Setembro próximo.

Que concluir deste rol de doentes, sendo que o boxe é demasiado contundente e emotivo? Ao mesmo tempo, porque não rectificar um juízo velho de décadas mas desautorizado pelos factos?

Será que o panorama de um leão, prestes a acometer, é menos chocante do que um «Knockout» ou os caçadores têm nervos à prova e não se comovem por dá cá aquela fera?

Decida o leitor.

O sexo que, por antonomásia, tem o nome de fraco, manifesta constantemente o contrário da debilidade que lhe atribuem. E' uma transformação verificada sob múltiplos aspectos, vinda de longe, e que levou certo tronista republicano, num país europeu, a designar o príncipe herdeiro como «príncipe com sortes», quando perdeu a esposa.

Segundo se dizia, fez-lhe a vida negro. Mas, vamos ao nosso caso.

A mulher vai-se apoderando dos hábitos de homem e não tardará muito que os papéis se invertam, ficando este no lar e aquela dada aos vicios ou às distrações masculinos. O fenómeno é uma fatalidade do Destino mas o exemplo das abelhas e outros animais de organização inferior já de há muito nos mostra a possibilidade da máscara de cadência.

Todavia, julgamos injusta a confusão dos sexos. Assim pensam, igualmente, os organizadores do próximo campeonato da Europa de atletismo, escalados em circunstâncias anteriores, por mulheres andróginas, possantes, e dispostas de facultades que a Natureza atribuiu aos semelhantes de Adão.

O exemplo (entre vários) da sr.^a Claire Bressoles, campeã de atletismo, que se transformou algum tempo depois, num cavalleiro sem tirar nem pôr, deu origem a uma exigência pouco vulgar: as participantes femininas têm de atestar a sua feminilidade, com documentos passados por médicos. A fórmula da certidão, longe de obedecer a uma norma, varia consoante os responsáveis e, assim, a Liga Belga de Atletismo recebeu um atestado concebido nos termos seguintes:

«Garanto sob palavra de honra que a sr.^a Fulana é incontestavelmente uma fêmea».

Brutal, mas seguro.

Ao contrário, outro médico apenas se atreveu a dizer (decreta de uma saltadora em altura...) que a dama apresentava caracteres exteriores do sexo feminino.

Os organizadores hesitam, considerando o argumento de fraca consistência, e pensam em esclarecer o caso a fundo — passando do exterior para o interior. E com razão, não seja a dama um mancebo disfarçado, ou «gato escondido com o rabo de fora», conforme é uso dizer-se.

RAFAEL BARRADAS

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

Boxe

Em Jersey-City, na presença de 80.000 pessoas, o campeão do Mundo de «semi-médios», «Sugar» Ray Robinson defendeu vitoriosamente o emblema ganhando por pontos, ao fim de 15 assaltos, o combate que disputou a Charley Fusari.

Enfraquecido pela exigência de se apresentar no limite de 66.689, Robinson não deixou, por esse facto, de dominar o encontro. Fusari apenas conseguiu manifestar a sua grande coragem ante a rapidez e o virtuosismo do pugilista negro. Dominado em todos os assaltos, excepto o 4.^o, que conquistou, e o 12.^o, igualado, Fusari soube ganhar a admiração do público.

Anote-se que a totalidade do prémio de Robinson (menos um dólar) foi entregue à Comissão do Cancro a qual recebeu, igualmente, metade da bolsa atribuída ao aspirante vencedor.

● Luis Romero, campeão europeu de «lévissimos» reconquistou um pouco da popularidade perdida ao vencer por abandono (8.^o assalto) o francês Sam Conforti, em San Sebastian.

● Em Washington, um vago Charley Salas, semi-médio, venceu por pontos o campeão do Mundo de «leves», Ike Williams, num combate de 10 assaltos.

● Guilherme Martins sofreu a primeira derrota no Brasil, ante o peso-médio Osvaldo Silva, «84» mas o desaire deve atribuir-se à fractura da mão direita do campeão português, ocorrida durante o quarto assalto, conforme se verificou depois.

O jogador lusitano fez oito assaltos em péssimas condições, valendo-se da sua coragem e guilhardia para evitar o Knockout.

Atletismo

Com tempo abafado e uma pista dura, os atletas norte-americanos em viliatura pela Europa conseguiram magníficos resultados em Londres. O estádio de White-City recebeu 40.000 espectadores, encantados pela vitória pontual dos representantes ingleses sobre a equipa incompleta dos Estados-Unidos. Eis os resultados principais:

100 jardas — Mac Donald Bailey (21,4); 440 j. — Pugh (48,6); 880 j. — Whitfield (1 m. 50 seg.); Milha — Slijkus (4 m. 16,2 seg.); 120 j. (barreiras) — Fleming (14,3); 440 j. (barreiras) — Scott (55); Altura — Severns (1,93 m.); Comprimento — Williams (7,16); Vara — Andersson (3,96); Peso — Chandler (16,26); Disco — Chandler (44,53); Dardo — Seymour (68,54); Martelo — Alday (51,31).

Classificação: Grã-Bretanha, 76 pontos; Estados Unidos, 74; Benelux, 49.

Ténis

A Austrália bateu a Suécia por 3 vitórias a 2, qualificando-se para a finalíssima da Taça Davis, a disputar contra os Estados-Unidos.

A grande façanha coube a Lennart Bergelin, vencedor dos dois encontros individuais. No primeiro, dispôs de Frank Sedgman, por 2/6, 6/2, 7/5, 1/6, 6/3 e no outro derrotou J. Bromwich, por 6/3, 6/2, 1/6, 7/3, 6/3. O encontro de pares, entre Bergelin e Davidson e a parilha Bromwich-Sedgman, foi completamente vantajoso para os meridonais, que insistiram nos ataques sobre Davidson — o mais fraco do grupo — desorganizando o mútuo entendimento entre eles.

A Austrália conseguiu concluir o encontro por 6/1, 7/5, 7/5, mas não se revelou suficientemente forte, ao ponto de inquietar os norte-americanos, amanhã e depois, em Forrest Hills.

A equipa norte-americana, terminada um campeonato de apuramento, ficou constituída por Ted Schroeder e Tom Brown (singulares) e pela parilha Mulloy-Billy Talbert (pares). A escolha de Tom Brown deve-se à incapacidade física do vencedor de Wimbledon, Budge Patty, recentemente lesionado num tornozelo.

Natação

Mais de 25.000 espectadores — ultrapassando a capacidade da nova piscina municipal de Osaka — presenciaram os campeonatos internacionais realizados no Japão, entre norte-americanos e japonezes.

Além dos ases nipónicos e estadunidenses também participou o recordista australiano Marshall, de modo que os resultados obtidos são verdadeiramente excepcionais, dando origem a uma surpresa: a derrota do «peixe-voador» Furushahi pelo americano Von Kono, na prova de 880 jardas.

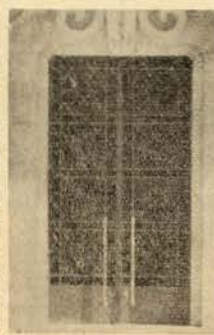
A corrida de 100 jardas foi ganha por Cleveland (E. U. A.) em 52 seg., batendo Sholes (52,4) e Hamaguchi (53,2).

Este nadador desforrou-se nas 200 jardas, que venceu em 2 m. 11 seg., seguido de Mac Lane, em 2 m. 12,6 seg. As 500 jardas couberam a Furushahi, triunfando no tempo de 5 m. 18,8 seg., diante do Kono, em 5 m. 21 seg.

Nas 800 jardas, Kono chegou em primeiro lugar, no tempo de 9 m. 40,2 seg. e o «peixe-voador» fez mais 2,4 seg. Marshall, recentemente creditado com 9 m. 37,5 seg. ficou em último. O recorde mundial das 4 x 200 jardas foi batido pela equipa americana, que totalizou 7 minutos e 50 segundos, ficando a japonesa a 1,6, depois de um duelo equilibrado. Na última estafeta coube a Mac Lane dominar Hamaguchi e arrancar difícil vitória.

ORIENTAL METALURGICA DE LISBOA

DE MONTEIRO & RIBEIROS, L.^{DA}



Serralharia mecânica e civil, fundição de metais. Executam-se todos os trabalhos de construção civil com a máxima perfeição e rapidez.

Soldadura a Autogénio e Electrogénio

Estrada de Chelas, 63 (Quinta da Raposeira)
Telefone por chamadas 25517 LISBOA

NA CAPITAL DO NORTE

CURIOSIDADES

Esgotadas as conversas sobre os últimos sucessos da «Volta a Portugal» em bicicleta, voltam a fazer-se todas as atenções no popular futebol. No entanto, nada de novo surge na «frente portuguesa». Boatos — muitíssimos. Realidades — nenhuma.

• Dos boatos estrai-se isto: — que o «internacional» Carvalho terá posto condições para assinar a sua «ficha». Sabemos, entretanto, que este rapaz é dedicado ao seu clube e, por isso, deve ter assinado o seu compromisso. Gastão, sãtu desta cidade. Mas dizem-nos aqui do lado que já foi visto, depois disso, no Porto. Alfredo, não assinou mas assinará a sua «ficha». O F. C. Porto deve contar sempre com esta bela pedra... Nos outros boatos não encontramos grande «fundo» de verdade, a menos que se lembre a ausência de Graça, agora inscrito pelo Oriental.

• O Académico, como em tempos dissemos, optou pelo amadorismo. Para as suas fileiras partiram alguns jogadores conhecidos, entre eles Francisco Gomes da Costa, agora prestes a formar-se em Medicina. Trata-se sem dívida alguma de uma curiosidade para os desportistas portugueses...

• No Boavista não há por agora complicações. A equipa do Bessa apresentou-se-á com os seus homens de primeiro plano. Outros nomes são aguardados.

• Conta-se com a chegada para breve do ciclista Fernando Moreira. Surpreende-nos, entretanto, que a notícia não seja recebida com alegria. Há certa indiferença...

• Como estamos a falar de ciclismo: — Dias Santos está em descanso mas conta correr brevemente em França no «Prémio das Nações».

• Um esperançoso «reservas» do F. C. Porto (Carlos Ferreira) pediu a transferência para o Académico.

• Afirmam-nos que Genzi Desco será o novo treinador do F. C. Porto.

• Anda no ar uma série de novidades. Se elas se confirmarem, será o futebol agitado na área nortenha. Por enquanto, não levantaremos qualquer pontinha do véu...

• É voz corrente que a A. F. Porto apresentou o seu pedido de demissão. Não confirmamos esta notícia, embora nos viesse de boa fonte. Isto anda mal...

• O nosso prezado camarada «Diário do Norte», feliz organizador da XV «Volta a Portugal» em bicicleta, promoverá dois festivais velocipédicos, um em Lisboa e outro no Porto, a fim de proceder à distribuição de prémios ganhos por clubes e concorrentes à grande prova.

TRIUNFO ABSOLUTO!

NÃO será necessário encarecer nesta página a vitória de Dias Santos. Todos os camaradas a louvaram devidamente, e o próprio público adepto considera-a importante e justificada pelo grande valor do corredor do F. C. do Porto.

Esqueçamos por agora o seu triunfo, porém, e falemos da maneira como todo o Norte se comportou. Nesta 15.ª «Volta a Portugal», viu-se mais uma vez que o F. C. Porto possui uma popularidade que ninguém poderá contestar ou dissolver. Viu-se também que poucos clubes portugueses terão margem para se expandir na terra nortenha como o desta cidade. No Minho, no Douro, em Trás-os-Montes, mesmo nas Beiras, gritava-se a plenos pulmões pelo nome do clube e dos seus atletas.

Os desportistas não-portugueses ou não-northenos, chegaram a mostrar-se impressionados com a popularidade manifesta do F. C. Porto. Daqui se infere que bem aproveitada, conscientemente defendida, poderia essa simpatia transformar-se em provas que, poucos poderiam vencer. É esse trabalho que de há muito está reservado aos dirigentes. Torna-se necessário que o compreendam e o admirem dentro das proporções reveladas pela apoteose da estrada e do Lima, elevando-se o clube sem os atritos que separam as massas a ele ligadas!

SUA EXCELENCIA...

Sua Excelência, agora — é o futebol. Os adeptos esperam carinhosamente por ele, que regressa no dia 1 de Setembro próximo. Mais um dia, uma hora, e poderemos assistir aos encontros do popular jogo, sejam oficiais ou particulares. Mais umas horas e ver-se-á como aproveitaram os nossos clubes o defeso. Cá pela capital do Norte, as novidades andam por bom preço, e julga-se até que nenhuma aparecerá, pelo menos com o vulto que mereça uma referência larga. Os clubes principais contam com a mesma gente da época finda, os quase. Dizemos assim porque há jogadores sem legalizar a sua situação, ou por ser cedo ou por se desinteressarem de vez. Outros saíram — para voltar à terra, talvez ao clube onde actuaram ultimamente, mas sem dar indicação segura sobre o que pretendem fazer.

De qualquer modo, temos a impressão de que não se tem pensado totalmente nas responsabilidades que cabem aos clubes portugueses na próxima época. Oxalá isto não traga dissabores aos nossos representantes, há muito tempo afastados das primeiras classificações — para não dizer de qualquer título graduado. Hoje em dia há quem se prenda por demais com o sabor das dissidências, sendo na-

tural que se encontre mais tarde o erro, o mau efeito produzido por tempestades que se não eliminaram na altura própria.

Mas isto não evita, claro está, que o futebol nos apareça dentro de breves dias. Quem estiver preparado — poderá vencer. Os outros, naturalmente, limitar-se-ão ao que lhes for possível, embora esta promessa não possa agradar de maneira alguma aos adeptos sedentos de vitórias que há muito não surgem.

Falar por falar, custa pouco, e há quem goste muito de optar por este processo simplista. Mas o tempo não pode consumir-se com ninharias, que é como quem diz: — não podem as gentes responsáveis esperar que lhes apresentem numa bandeja, assim do pé para a mão, uma boa equipa de futebol. Porque de duas uma: — ou se prepara um grupo, trabalhando em profundidade, construindo e reconstruindo, ou se prepara o dinheiro necessário nos recrutamentos que se pretendam fazer. Se uma coisa não é possível — a última, faça-se pelo menos escola, para que o público desportivo tenha o prazer de assistir a futebol de bom quilate, no futebol que muito admiramos com toda a justiça.

Fábricas Metalúrgicas



Marca registada

AUGUSTO MARTINS PEREIRA
ALBERGARIA-A-VELHA

SEDE

ESCRITÓRIO

Telefone: 6 (P. B. X.)

R. dos Correeiros, 40-2.º E.

Telegramas: «ALBA»

Telefone 21 319

COLABORAÇÃO DESPORTIVA

DENTRO de quinze dias teremos novamente o futebol em plena actividade e, durante mais de nove meses, o jogo-rei absorverá todas as atenções do público desportivo.

Sem possibilidade de competição, as restantes modalidades, aquelas que «viveram a sua vida» nestes meses estivais de férias da bola — como o atletismo; ou as que acumulam o seu tempo de actividade, com o soberano futebol, passam a plano além de secundário, com prejuízo das suas organizações, da sua propaganda, dos interesses dos seus praticantes.

Sofrem a lei do mais forte, que é a lei do mundo.

Acontece às vezes, porém, que os mais fortes, sem o mínimo prejuízo próprio, em prestam aos mais fracos o apoio da sua colaboração, valorizando-os e valorizando-se.

Esta doutrina, aplicada ao caso do futebol e dos desportos pobres, traduzida numa associação de programas, tem sido defendida por nós repetidas vezes, sem resultado prático de continuidade, mas provando-se apreciada em todas as ocasiões em que foi posta em prática.

Unir no mesmo espectáculo um encontro de futebol e outro de andebol, por exemplo, poderia ser adoptado como norma pelos clubes praticantes das duas modalidades, com o consentimento da F. P. F., como episódicamente tem sucedido.

Recordemos o êxito do jogo Lisboa-Sarre em andebol, no Estádio Nacional, antes do Portugal-Espanha.

Por agora, durante o mês de Setembro e ainda Outubro, enquanto não chegassem as chuvas, o desporto a associar, nos campos onde existem pistas (Sporting e Belenenses), seria o atletismo, ocupando o intervalo do encontro de futebol com uma corrida e fazendo-o preceder de outras, que ocupariam o interesse dos espectadores precoces.

Aprenda Rádio

No nosso curso por correspondência que lhe oferece ferramentas, Laboratório Portátil e Material de Rádio

e ainda Aulas Práticas

na nossa Oficina

Peça folhetos grátis à

RÁDIO ESCOLA

Apartado 81 — Norte

Sede, Laboratórios e Serviços

Técnicos:

R. Alves Torgo, 103-2.º E.

LISBOA

AS «5 VOLTAS A MAFRA» DESPERTARAM GRANDE ENTUSIASMO JOAQUIM APOLO foi o vencedor individual SPORTING ganhou por equipas



Um grupo de senhoras de Mafra deixa-se fotografar, um pouco antes de começar a corrida.



Joaquim Apolo, após a vitória



Apolo, do Louletano, que teve um início de época brilhantíssimo, e uma participação honrosa na Volta a Portugal, conquista mais um belo triunfo, ganhando as «5 Voltas a Mafra». Ei-lo, a cortar a meta



Manuel Trigueira e Santos Gonçalves conseguiram isolar-se e seguir à frente durante largo tempo. Só foram alcançados na 4.ª volta, e a corrida mudou então de fisionomia



Joaquim Apolo e Mário Fazzio são os primeiros corredores que entram no estádio municipal de Mafra...



Os grandes campeões de BOXE

Ezzard Charles, depois de vários meses de ausência por incapacidade física, voltou ao rectângulo para medir forças com um modesto pugilista e ganhou por Knockout ao 14.º assalto. Fred Bashora (assim se chama a vítima) conseguiu melhor resultado do que se aguardava, proporcionando o próximo duelo entre Joe Louis e o actual campeão americano de todas as categorias. A fotografia que publicamos à esquerda mostra o estado lastimoso em que ficou Fred Bashora, com o sangue a escorrer do rosto no momento em que o árbitro, Barney Felix, termina o combate. Ao lado, o mesmo Bashora acusa um golpe violento do negro Ezzard, no nono assalto. Veremos se Ezzard Charles se comportará de igual maneira frente ao grande Joe Louis, no próximo dia 26 de Setembro.

